



**BB ASSET
MANAGEMENT**

**Busque mais para
os seus investimentos**

BBGO11



Relatório Gerencial
BB Fundo de Investimento de Crédito FIAGRO Imobiliário

Agosto – 2026

INFORMAÇÕES GERAIS

O BB FIAGRO é um fundo de investimento que investe em ativos como CRA, LCA, CRI e Debêntures, desde que todos estejam vinculados ao Agronegócio. Os rendimentos do fundo são isentos de imposto de renda.

O fundo tem como objetivo superar o CDI através do investimento em uma carteira de crédito privado de alta qualidade, contando com a expertise do Banco do Brasil no setor de agronegócios. A isenção de imposto de renda torna o produto ainda mais atraente em uma indústria que representa cerca de um terço de todas as exportações do Brasil.

Ticker	Patrimônio Líquido	Nº de Cotistas	Quantidade de Cotas
BBGO11	R\$378.799.528,81	11.440	4.005.164
CNPJ	Data de Início	Taxa de Administração	Taxa de Performance
42.592.257/0001-20	17/dez/21	0,85% a.a.	10% sobre excesso CDI+1% a.a.
Administrador e Gestor	Consultor	Custodiante	Auditor
BB Asset Management	Banco do Brasil SA	Banco do Brasil	KPMG

Resultados – Agosto/2026

Distribuição por cota	Dividend Yield	Nº de Negócios	Volume Negociado
R\$0,80	1,26%	4.562	R\$3.818.422,67
Receitas	Despesas		
R\$4.489.996,65	-R\$ 575.843,03		

* % a Distribuir = Resultado a Distribuir deduzido do Caixa

Comentário do Gestor

Mercado

O agronegócio brasileiro manteve-se como um dos principais vetores da atividade econômica no mês de agosto, sustentado pelo elevado nível de produção e pela competitividade do setor no mercado internacional. A safra brasileira de grãos segue em trajetória recorde, com estimativa de 360,7 milhões de toneladas para o ciclo 2025/26, impulsionada principalmente pelo bom desempenho da soja, cuja produção deve atingir 180,5 milhões de toneladas, novo recorde histórico. Além disso, culturas relevantes para a composição do PIB agropecuário, como café e cana-de-açúcar, apresentam perspectivas positivas de produção, reforçando a resiliência do setor mesmo em um ambiente de crédito mais restritivo e custos ainda elevados. O PIB agropecuário permanece em expansão em 2026, embora em ritmo mais moderado do que o observado no ano anterior, refletindo a acomodação de algumas cadeias produtivas após resultados excepcionalmente fortes em 2025.

Por outro lado, o setor continua enfrentando desafios relevantes relacionados às condições climáticas e ao ambiente financeiro. O fortalecimento do fenômeno El Niño eleva os riscos para a safra 2026/27, especialmente em regiões importantes para a produção de grãos, café e cana-de-açúcar, que podem ser impactadas por irregularidade de chuvas e temperaturas acima da média. Adicionalmente, a manutenção de custos elevados de insumos, especialmente fertilizantes, defensivos e logística, segue pressionando as margens dos produtores rurais. Apesar desses fatores, os fundamentos de longo prazo permanecem favoráveis, apoiados pela demanda global por alimentos, biocombustíveis e proteínas animais, pelo forte posicionamento do Brasil nas exportações agrícolas e pela perspectiva de recuperação gradual da renda do produtor em importantes cadeias do agronegócio.

Rendimentos

Diante de um mercado de crédito mais desafiador e seletivo, o BB Fiagro mantém postura prudente na gestão da carteira, com acompanhamento próximo de emissores específicos e atenção especial ao mapeamento de potenciais desenquadramentos de covenants. Com foco na preservação da qualidade do portfólio e na previsibilidade dos fluxos de caixa, optamos por manter a distribuição de rendimentos para R\$ 0,80 por cota. Em agosto de 2026, a cota patrimonial registrou rentabilidade de 1,16% e o dividend yield atingiu 1,26% no mês — equivalente a 114,98% do CDI sobre o valor de mercado —, mantendo um nível de retorno atrativo.

O Fundo mantém carteira diversificada e majoritariamente composta por emissores de boa qualidade de crédito, o que contribui para diluir riscos pontuais. Embora o cenário atual exija atenção e acompanhamento próximo de determinados ativos, a atuação ativa da gestão e a qualidade do portfólio posicionam o Fundo de forma adequada.

A perspectiva de melhora gradual das condições de crédito, aliada a um ambiente de juros potencialmente mais favorável ao longo do tempo, sustenta um cenário construtivo para a retomada de valor e a geração consistente de resultados aos cotistas no médio prazo.

Carteira

A carteira de CRAs mantém-se diversificada entre diferentes indexadores. A maior parcela, equivalente a 28,92% do patrimônio líquido, está alocada em emissões indexadas ao CDI, com yield médio de CDI + 2,42% a.a. e duration de 610 dias úteis. A exposição indexada ao IPCA representa 16,89% do portfólio, com yield médio de IPCA + 9,83% a.a. e duration de 346 dias úteis. Já a parcela em % CDI corresponde a 17,43% do PL, com yield médio de 112,98% do CDI e duration de 612 dias úteis. O Fundo também possui exposição de 3,15% do PL em LCA indexada a 102% do CDI. A parcela prefixada representa 3,37% do PL, com yield de 15,31% a.a. e duration de 1.071 dias úteis. Adicionalmente, o Fundo mantém 1,07% do PL em FIDCs FIAGRO, com yield de CDI + 2,00% a.a.

Encerramos o mês com liquidez de 33,40% do PL, uma posição defensiva que preserva a capacidade de aproveitar novas oportunidades de alocação nos mercados primário e secundário, com foco na diversificação entre os principais setores do agronegócio. A cota encerrou julho negociada com desconto de aproximadamente 32,7% em relação à cota patrimonial. Avaliamos esse patamar como uma oportunidade de entrada, considerando que a carteira reúne mais de 35 emissores, yield médio superior a CDI + 2,57% a.a. e duration média próxima de 415 dias úteis.

Prime Agro

No mês, seguimos acompanhando os desdobramentos da recuperação judicial da Prime Agro, distribuidora de insumos agrícolas que enfrenta dificuldades financeiras em um contexto desafiador para o agronegócio, marcado por restrição de crédito, aumento da inadimplência no setor e pressão sobre as margens dos produtores rurais. O processo de recuperação judicial permanece em andamento, com discussões entre a companhia e seus credores acerca das condições de reestruturação das dívidas. Diante das incertezas relacionadas ao potencial de recuperação dos créditos e à efetividade das garantias, a exposição do Fundo à operação permanece integralmente provisionada, refletindo uma postura prudente e conservadora na gestão do risco. Seguimos monitorando a evolução do processo, em conjunto com os demais participantes da operação, avaliando continuamente seus impactos e as alternativas disponíveis para maximizar a recuperação do crédito.

O Fundo mantém carteira diversificada e majoritariamente composta por emissores de boa qualidade de crédito, o que contribui para diluir riscos pontuais. Embora o cenário atual exija atenção e acompanhamento próximo de determinados ativos, a atuação ativa da gestão e a qualidade do portfólio posicionam o Fundo de forma adequada. A perspectiva de melhora gradual das condições de crédito, aliada a um ambiente de juros potencialmente mais favorável ao longo do tempo, sustenta um cenário construtivo para a retomada de valor e a geração consistente de resultados aos cotistas no médio prazo.

Composição da Carteira

Considerando as taxas de remuneração dos ativos da carteira do BBGO11, os CRAs, a LCA e os FIDCs estão atrelados ao IPCA, ao CDI e ao Prefixado. Dessa forma, a remuneração — considerando as taxas médias de aquisição e as taxas de mercado — divide-se conforme a tabela abaixo:

Ativos	% PL	Taxa Média Compra	Taxa Média a Mercado
CDI +	28,92%	2,23%	2,42%
% CDI	17,43%	105,23%	112,98%
IPCA	16,89%	6,80%	9,83%
OPCOM	33,39%	100% CDI (-) IR	100% CDI (-) IR
PRE	3,37%	13,73%	15,31%

Exposição Setorial

O BB FIAGRO mantém exposição diversificada nos principais segmentos do agronegócio brasileiro, distribuída entre diferentes elos das cadeias produtivas, o que contribui para reduzir a dependência de setores específicos e mitigar riscos associados a eventos climáticos, operacionais ou de mercado. Adicionalmente, cerca de 33,4% do patrimônio líquido encontra-se alocado em operações compromissadas lastreadas em títulos públicos, utilizadas como instrumento de gerenciamento de liquidez do fundo.

Entre os setores ligados diretamente ao agronegócio, destaca-se a cadeia sucroenergética, que representa aproximadamente 26% da carteira ao se considerar conjuntamente as exposições a açúcar, etanol de cana e etanol de milho. O setor permanece beneficiado pela relevância estratégica dos biocombustíveis na matriz energética nacional, pelo aumento da mistura obrigatória de etanol aos combustíveis fósseis e pela expansão da produção de etanol de milho. Por outro lado, fatores climáticos, preços internacionais de açúcar e combustíveis e a dinâmica do mercado de exportação seguem sendo elementos relevantes para o monitoramento do segmento.

As cooperativas multissetoriais representam aproximadamente 9,8% da carteira e desempenham papel relevante na originação, comercialização, armazenagem e financiamento da produção agropecuária. A importância dessas organizações tem se ampliado diante de um ambiente de crédito mais seletivo, reforçando sua atuação como agentes fundamentais para a sustentação da atividade produtiva em diversas regiões do país.

Os segmentos de processamento de alimentos e processamento de grãos, que juntos representam cerca de 12,1% da carteira, conferem exposição a empresas posicionadas em etapas de agregação de valor da cadeia agroindustrial. Essas atividades continuam se beneficiando da relevância do Brasil na produção e exportação de alimentos, embora permaneçam sujeitas às oscilações nos custos de matérias-primas, logística e demanda dos mercados doméstico e internacional.

A carteira também possui exposição aos segmentos de insumos agrícolas, incluindo fertilizantes, defensivos e sementes, que representam aproximadamente 4,5% do patrimônio líquido. Trata-se de um setor estratégico para a produtividade do agronegócio, porém que segue enfrentando desafios relacionados à volatilidade dos preços internacionais de matérias-primas, dependência de importações e condições de crédito ainda restritivas para parte dos produtores rurais.

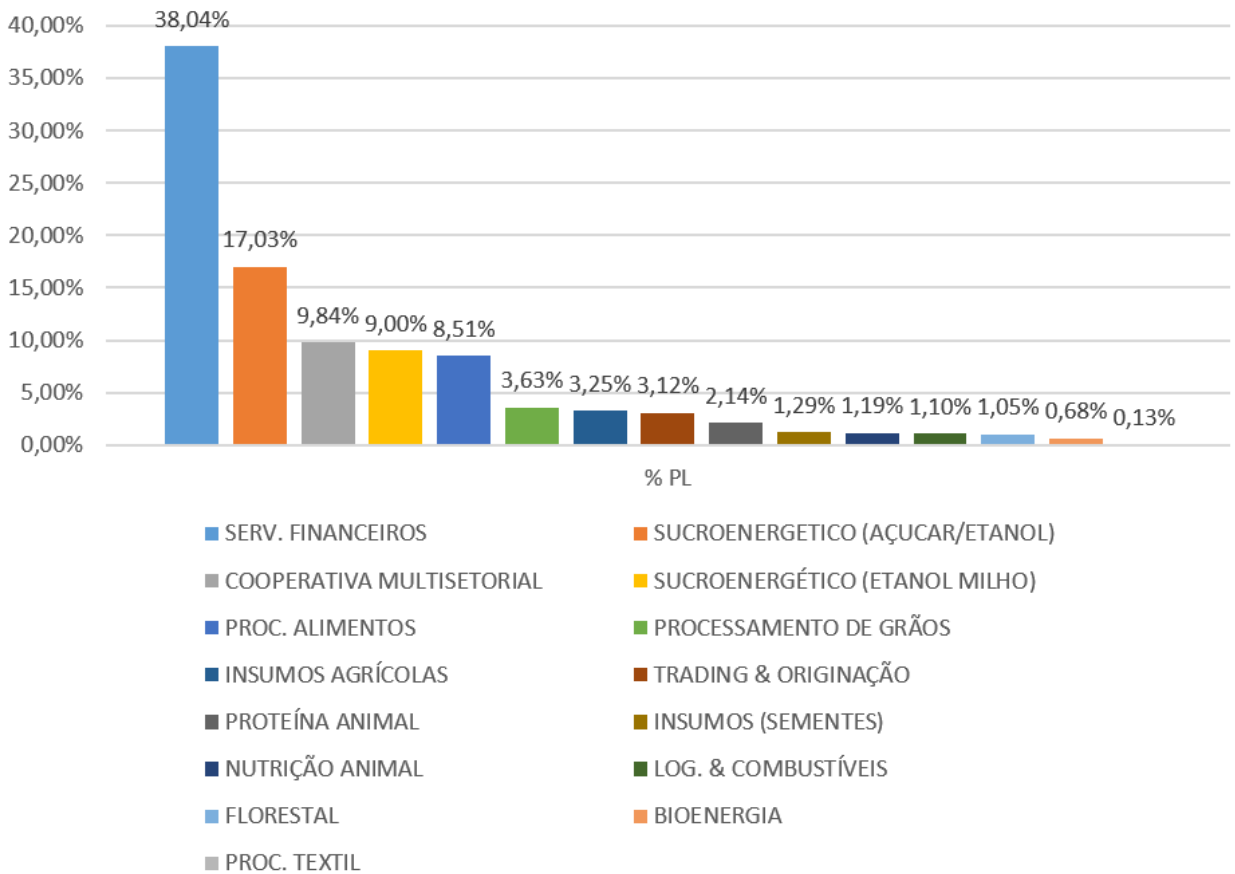
No segmento de trading e origem agrícola, correspondente a cerca de 3,1% da carteira, encontram-se empresas responsáveis pela comercialização e escoamento da produção agrícola brasileira. A atividade continua sendo beneficiada pela forte participação do Brasil no comércio global de commodities, ainda que exposta a fatores como custos logísticos, volatilidade cambial e mudanças no ambiente regulatório e comercial dos mercados internacionais.

Já os setores relacionados à proteína animal e nutrição animal, que juntos representam aproximadamente 3,3% da carteira, apresentam fundamentos distintos entre as diferentes cadeias produtivas. Enquanto a bovinocultura segue apoiada por preços mais elevados e oferta mais restrita de animais para abate, os segmentos de aves e suínos convivem com maior pressão competitiva e desafios relacionados ao equilíbrio entre oferta e demanda nos mercados doméstico e internacional.

Por fim, a carteira possui exposições menores aos setores florestal, bioenergia, logística e combustíveis e processamento têxtil, que em conjunto representam menos de 3% do patrimônio líquido. Embora menos representativos em termos de participação, esses investimentos contribuem para ampliar a diversificação setorial do portfólio e reduzir a concentração em cadeias específicas do agronegócio.

De forma geral, a composição da nossa carteira demonstra uma exposição equilibrada entre diferentes cadeias produtivas do agronegócio brasileiro, combinando segmentos ligados à produção, industrialização, comercialização e suporte à atividade agropecuária, mantendo uma estratégia de diversificação compatível com os objetivos de longo prazo do fundo

Exposição Setorial



COMPOSIÇÃO DA CARTEIRA

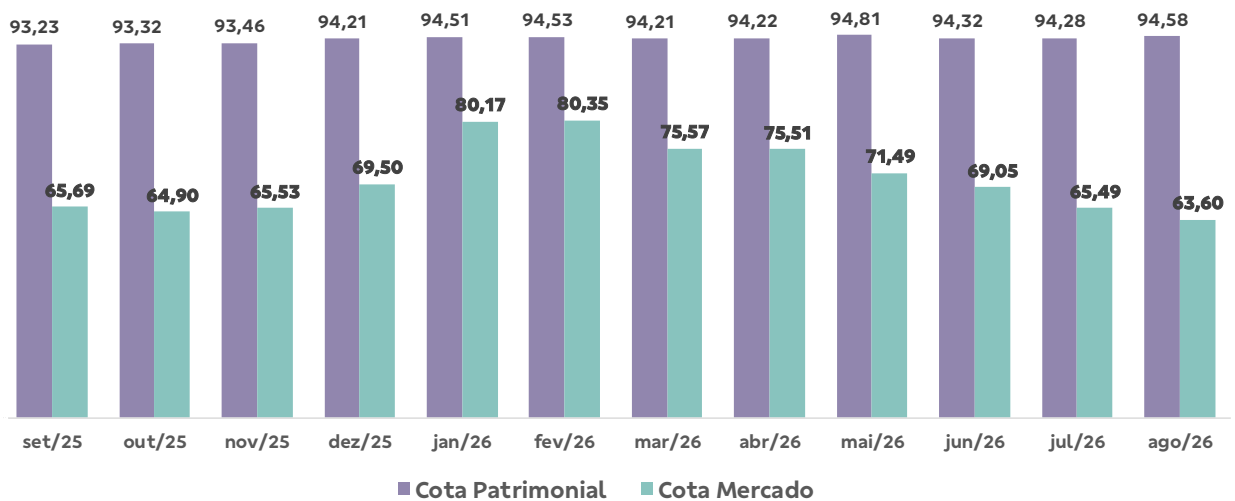
Data Compra	Vencimento	Qtde	Financeiro	%	Índice	Taxa Compra	Código CETIP
LAR COOPERATIVA							
21/08/2025	16/08/2032	3.000	R\$ 2.836.790,93	0,74%	PRE	14,55%	CRA025006NB
21/08/2025	15/08/2030	12.000	R\$ 11.872.645,85	3,12%	CDI	106,00%	CRA025006NA
VALE DO TIJUCO							
05/11/2024	16/10/2034	12.000	R\$ 12.307.603,12	3,23%	CDI	1,60%	CRA0240099E
11/06/2025	16/10/2034	8.000	R\$ 8.205.068,75	2,15%	CDI	1,48%	CRA0240099E
CEREAL							
14/11/2024	16/11/2029	10.000	R\$ 10.206.592,49	2,68%	CDI	1,10%	CRA02400AHV
22/09/2025	15/09/2032	3.500	R\$ 3.434.080,28	0,90%	PRE	14,48%	CRA025007KE
COCARI							
24/03/2022	17/12/2026	10.000	R\$ 2.527.975,69	0,66%	CDI	5,35%	CRA021005KX
FS BIO							
28/04/2023	15/10/2029	2.000	R\$ 1.994.022,52	0,52%	CDI	2,90%	CRA02300795
26/03/2025	17/03/2031	10.000	R\$ 10.030.030,39	2,63%	CDI	3,00%	CRA0250012Y
FIAGRIL							
11/01/2023	11/08/2027	5.000	R\$ 626.371,62	0,16%	CDI	4,50%	CRA022007KF
NEOMILLE							
18/04/2022	17/04/2029	20.000	R\$ 22.287.496,76	5,85%	IPCA	6,23%	CRA021005W1
RODOIL							
29/04/2022	09/03/2027	14.300	R\$ 4.812.981,67	1,26%	CDI	3,00%	CRA022002XP
NARDINI							
16/05/2022	17/04/2028	20.000	R\$ 16.031.952,06	4,21%	IPCA	7,47%	CRA022004H5
C VALE							
17/05/2022	15/04/2027	10.000	R\$ 3.866.206,33	1,01%	IPCA	7,18%	CRA022003PD
BEM BRASIL							
25/05/2022	15/05/2029	7.163	R\$ 8.302.109,74	2,18%	IPCA	6,53%	CRA022003JT
10/10/2025	15/10/2032	2.000	R\$ 1.999.798,39	0,52%	CDI	0,33%	CRA025008NB
USINA CERRADÃO							
03/06/2022	15/05/2028	15.000	R\$ 11.700.722,21	3,07%	IPCA	6,99%	CRA022004XY
CARAMURU							
18/07/2022	16/07/2029	2.000	R\$ 1.327.418,12	0,35%	IPCA	7,20%	CRA022006BU
27/02/2026	17/02/2031	10.000	R\$ 10.841.809,82	2,84%	CDI	109,50%	CRA026000MD
CORURIFE							
28/07/2022	09/07/2027	20.000	R\$ 3.565.474,44	0,94%	CDI	1,50%	CRA022007VI
ALCOESTE							
29/09/2022	20/09/2027	3.000	R\$ 3.019.783,87	0,79%	CDI	3,50%	CRA022008YD
14/11/2023	20/09/2027	2.000	R\$ 2.013.189,25	0,53%	CDI	3,85%	CRA022008YD
CRESOL							
28/10/2022	15/12/2027	5.974	R\$ 2.064.606,68	0,54%	CDI	2,95%	CRA0220099D
VICUNHA							
13/02/2023	16/08/2027	1.000	R\$ 1.067.585,12	0,28%	CDI	2,10%	CRA022008C2

COMPOSIÇÃO DA CARTEIRA

Data Compra	Vencimento	Qtde	Financeiro	%	Índice	Taxa Compra	
OLFAR							
04/04/2023	15/03/2029	3.000	R\$ 2.615.688,86	0,69%	CDI	3,00%	CRA023003JX
BTG PACTUAL							
31/08/2023	15/09/2033	3.640	R\$ 3.495.687,37	0,92%	PRE	11,96%	CRA02300HWK
MINERVA							
04/12/2024	16/11/2029	5.000	R\$ 4.920.869,08	1,29%	CDI	105,00%	CRA02400AYL
14/04/2026	31/03/2036	3.106	R\$ 3.270.614,12	0,86%	CDI	1,65%	CRA020001UR
CAPAL							
01/12/2023	17/05/2029	1.667	R\$ 1.011.167,99	0,27%	CDI	3,50%	CRA02300Q8I
09/04/2024	17/05/2029	3.333	R\$ 2.021.729,40	0,53%	CDI	3,50%	CRA02300Q8I
LAVORO							
22/12/2023	22/12/2027	9.000	R\$ 3.251.250,40	0,85%	CDI	3,00%	CRA02300TBL
USINA SANTA FÉ							
28/03/2024	17/12/2029	669	R\$ 651.749,02	0,17%	CDI	4,00%	CRA024002MM
CAMIL							
19/06/2024	15/06/2029	7.913	R\$ 7.774.543,90	2,04%	CDI	109,00%	CRA0240066A
19/09/2024	15/06/2029	14.620	R\$ 14.364.189,54	3,77%	CDI	104,00%	CRA0240066A
UPPERDOG							
19/11/2024	20/11/2029	5.000	R\$ 4.679.872,65	1,23%	CDI	2,30%	CRA02400AHU
INTEGRADA COOPERATIVA							
20/02/2025	15/05/2029	4.000	R\$ 3.106.968,67	0,82%	CDI	2,35%	CRA025000MJ
COOXUPE							
01/07/2025	17/06/2030	10.000	R\$ 10.179.814,05	2,67%	CDI	107,50%	CRA025003UZ
BOA SAFRA							
02/09/2025	16/02/2032	4.000	R\$ 3.946.581,59	1,04%	CDI	104,00%	CRA025006SR
12/02/2026	16/02/2032	1.000	R\$ 986.769,73	0,26%	CDI	106,00%	CRA025006SR
SÃO SALVADOR							
13/10/2025	17/10/2033	3.000	R\$ 2.898.638,29	0,76%	PRE	14,18%	CRA024004MQ
MULTITECNICA							
17/11/2025	17/01/2031	5.000	R\$ 5.031.363,67	1,32%	CDI	1,30%	CRA025008SS
USINA BATATAIS							
12/01/2026	23/02/2028	4.004	R\$ 4.005.684,94	1,05%	CDI	1,01%	CRA02500BQ9
COMBER							
29/01/2026	18/12/2030	4.000	R\$ 4.021.715,42	1,06%	CDI	2,85%	CRA02500BKP
SUMITOMO							
04/08/2025			R\$ 651.559,15	0,17%	CDI	2,20%	BR0DG5CTF008
URA AGRO							
12/06/2024		5.898	R\$ 3.498.827,54	0,92%	CDI	4,75%	BR023VCTF0J2
BCO ORIGINAL							
07/07/2026	06/07/2028	12.000	R\$ 11.904.055,26	3,12%	CDI	102,00%	

Evolução da cota patrimonial x cota de mercado

No mês de agosto, a carteira do BBGO11 observou 62,38% em Certificados de Recebíveis Agrícolas (CRA), 3,15% em Letras de Crédito do Agronegócio (LCA), 1,07% em FIDC e, neste sentido, uma liquidez de 33,40% da carteira em operações compromissadas. Os ativos privados atrelados ao IPCA somavam 16,89% do PL, ao CDI 46,35% e prefixados 3,37%.



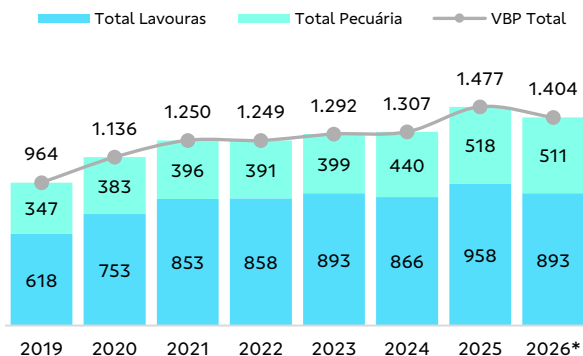
Demonstrativo de Resultado

DRE (R\$ Milhões)	mar2026	abr2026	mai2026	jun2026	jul2026	ago2026
Receitas	2,16	3,58	6,57	1,60	3,28	5,07
Rendimento CRA	4,15	3,74	2,89	3,00	3,50	2,94
MTM CRA	-3,64	-1,04	2,45	0,04	-1,75	0,18
Outras Receitas	1,69	0,89	1,23	-1,44	1,53	1,95
Despesas	-0,45	-0,44	-0,49	-0,60	-0,63	-0,58
Taxa de Administração	-0,03	-0,03	-0,03	-0,03	-0,03	-0,03
Outras Despesas	-0,42	-0,41	-0,46	-0,57	-0,60	-0,55
Resultado Líquido	1,71	3,14	6,08	1,00	2,65	4,49
Distribuição	3,40	3,40	3,40	3,20	3,20	3,20
Resultado por cota (R\$)	0,43	0,78	1,52	0,25	0,66	1,12
Distribuição por cota (R\$)	0,85	0,85	0,85	0,80	0,80	0,80

Valor Bruto da Produção

Com base nos dados divulgados pelo Ministério da Agricultura e Pecuária de junho de 2026, o Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP) projetado para 2026 é de R\$ 1,404 trilhão, sinalizando queda de 4,9% frente ao ano de 2025, cujo faturamento foi de R\$ 1,477 trilhão. As estatísticas foram calculadas pela Secretaria de Política Agrícola do Ministério, com valores deflacionados pelo IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas (FGV) de junho de 2026.

VBP da Lavoura e Pecuária

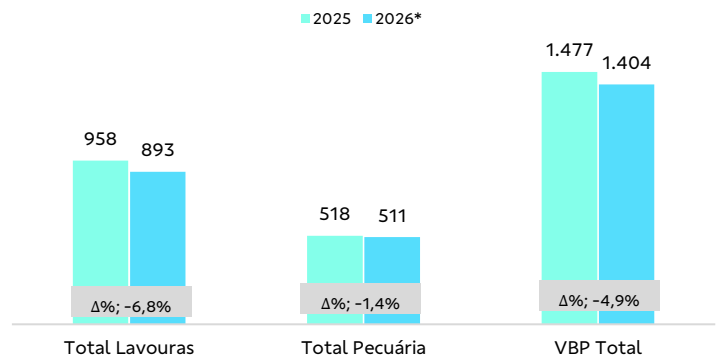


* Previsão - valores reais - deflacionados pelo IGP-DI de Junho/26

Fonte Preços: Cepea/Esalq/USP, CONAB e FGV/FGV Dados

Fonte: Min. Agricultura / Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

VBP Agropecuária



*Previsão - valores reais - deflacionados pelo IGP-DI de Junho/2026

Fonte Preços: Cepea/Esalq/USP, CONAB e FGV/FGV Dados

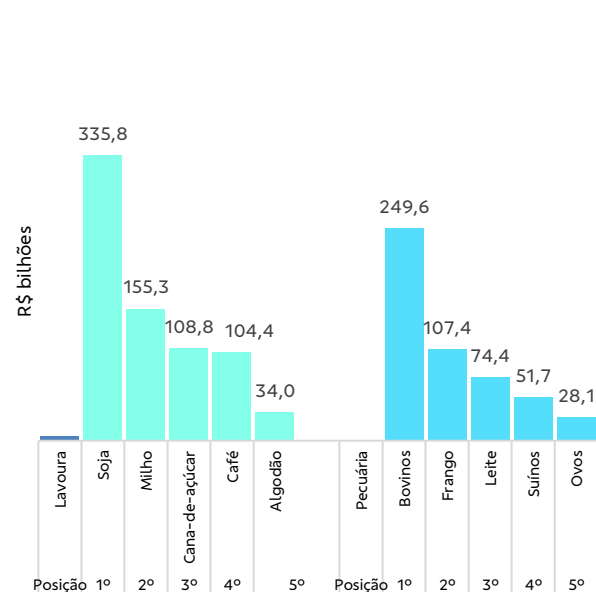
Fonte: Min. Agricultura / Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Após crescer 10,6% em 2025, impulsionado pela combinação entre maior produção física e valorização dos preços em parte das atividades agrícolas, o faturamento das lavouras deverá recuar 6,8% em 2026. A retração reflete o desempenho de diversas culturas, com destaque para milho, café, cana-de-açúcar, laranja, cacau, arroz e soja. De maneira geral, os principais fatores que justificam essa retração de receita do setor envolve: (1) - menor produção decorrente de redução de área plantada em algumas culturas; (2) - queda de produtividade e (3) - cotações médias menos favoráveis.

Na pecuária, passado a forte expansão de 17,7% do VBP em 2025, em contexto de altos volumes de abate de bovinos, valorização de preços e bom desempenho nas cadeias de aves e suínos, o faturamento deve cair 1,4% em 2026.

O principal destaque segue sendo a cadeia de bovinos. No segmento de corte, mesmo com a virada do ciclo pecuário e a consequente retração dos abates, a manutenção dos preços em patamares elevados deve sustentar o bom desempenho do faturamento em 2026, com projeção de crescimento de 10,1% no VBP. Em contrapartida, as cadeias de suínos e aves tendem a registrar retrações de VBP, com estimadas em 21,6% e 9,1%, respectivamente. Esses movimentos decorrem do nível de expansão da oferta, que pressionou cotações e, por consequência, deve restringir a renda bruta dessas atividades no ano.

Posição dos Produtos com Maior VBP

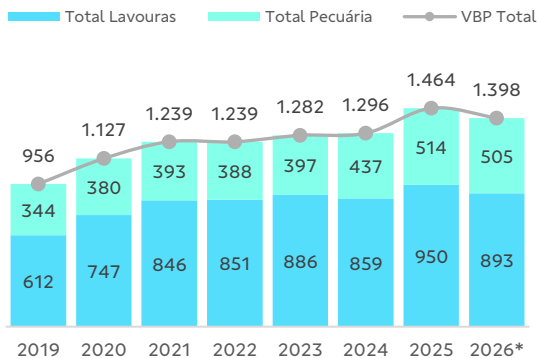


Fonte: Ministério da Agricultura e Pecuária - Junho/2026
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Valor Bruto da Produção

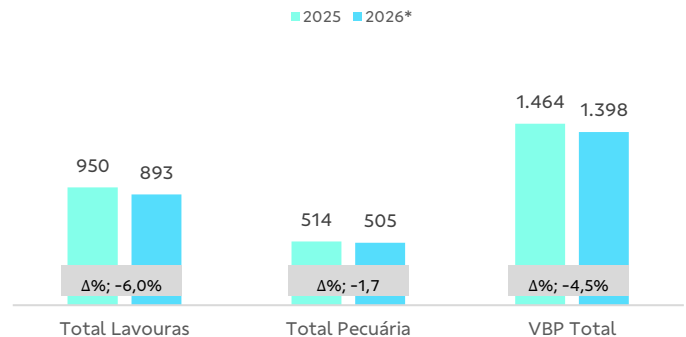
Com base nos dados divulgados pelo Ministério da Agricultura e Pecuária de julho de 2026, o Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP) projetado para 2026 é de R\$ 1,398 trilhão, sinalizando queda de 4,5% frente ao ano de 2025, cujo faturamento foi de R\$ 1,464 trilhão. As estatísticas foram calculadas pela Secretaria de Política Agrícola do Ministério, com valores deflacionados pelo IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas (FGV) de julho de 2026.

VBP da Lavoura e Pecuária



* Previsão - valores reais - deflacionados pelo IGP-DI de Julho/26
 Fonte: Ministério da Agricultura
 Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

VBP Agropecuária



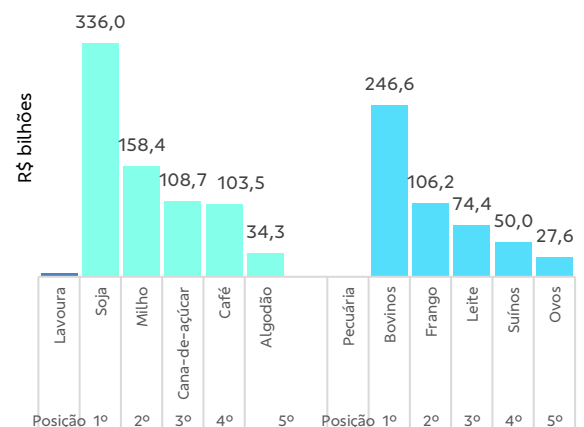
*Previsão - valores reais - deflacionados pelo IGP-DI de Julho/2026
 Fonte: Ministério da Agricultura
 Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Após crescer 10,6% em 2025, impulsionado pela combinação entre maior produção física e valorização dos preços em parte das atividades agrícolas, o faturamento das lavouras deverá recuar 6,0% em 2026. A retração reflete o desempenho de diversas culturas, com destaque para café, milho, cana-de-açúcar, laranja, cacau e arroz. De maneira geral, os principais fatores que justificam essa retração de receita do setor envolve: (1) - menor produção decorrente de redução de área plantada em algumas culturas; (2) - queda de produtividade e (3) - cotações médias menos favoráveis.

Na pecuária, passado a forte expansão de 17,7% do VBP em 2025, em contexto de altos volumes de abate de bovinos, valorização de preços e bom desempenho nas cadeias de aves e suínos, o faturamento deve cair 1,7% em 2026.

O principal destaque segue sendo a cadeia de bovinos. No segmento de corte, mesmo com a virada do ciclo pecuário, a retenção de fêmeas e a consequente redução da oferta de animais para abate, a manutenção dos preços em patamares elevados, associada ao bom desempenho das exportações, deve sustentar o faturamento do setor em 2026, com projeção de crescimento de 9,7% no VBP. Em contrapartida, as cadeias de suínos e aves tendem a registrar fortes retrações de VBP, estimadas em 23,5% e 9,3%, respectivamente. Esses movimentos refletem a expansão da oferta, com consequente pressão sobre as cotações, o que, por consequência, restringe a renda bruta dessas atividades no ano.

Posição dos Produtos com Maior VBP
 Estimativa para Julho 2026



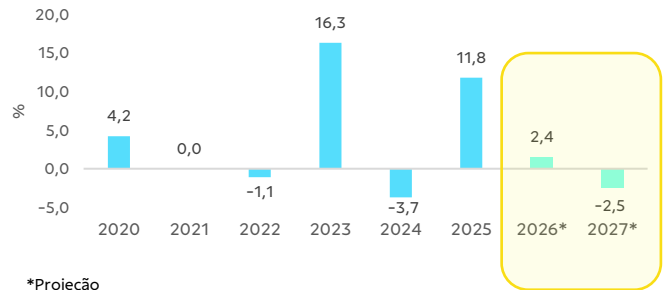
Fonte: Ministério da Agricultura e Pecuária - Julho/2026
 Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

PIB Agropecuário

Após encerrar com expansão de 11,8% em 2025, projeta-se novo crescimento para o PIB agropecuário em 2026, embora em forte desaceleração, diante do esperado recuo na produção de algumas culturas como algodão, arroz, milho, cana-de-açúcar e trigo no ciclo 2025/26.

Para 2027, em meio a desafios associados aos efeitos do El Niño sobre o clima, custos de produção mais elevados, condições de crédito mais restritivas e maior volatilidade dos mercados, espera-se retração na produção.

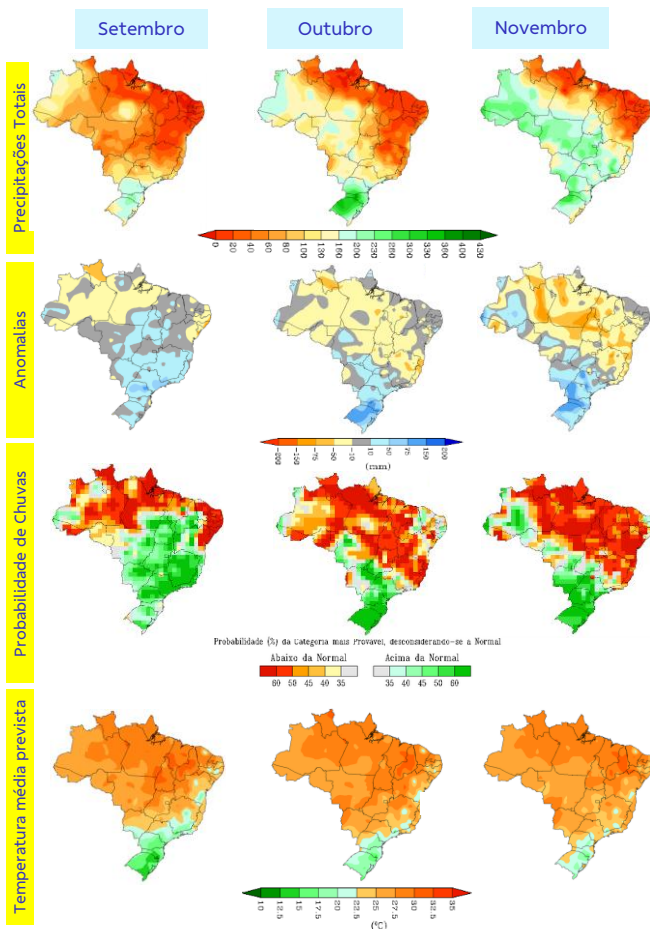
PIB Agropecuário



*Projeção

Fonte: IBGE e BB Assessoramento Econômico (cenário de 04.09.2026)

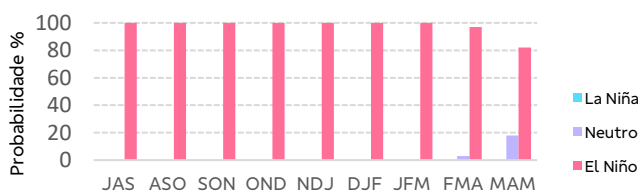
Clima



Probabilidade Evento ENOS

(Agosto de 2026)

(Condição ENOS neutro: entre -0.5°C e 0.5°C - Limitação longitudinal Índice Niño 3.4)



Fonte: National Oceanic and Atmospheric Administration - NOAA
Elaboração: Banco do Brasil / Diretoria de Crédito

Projeções do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) para os meses de setembro, outubro e novembro apontam para padrão compatível com a consolidação do fenômeno El Niño, caracterizado por menor volume pluviométrico e maior probabilidade de precipitações abaixo da média climatológica nas regiões Norte, Nordeste e extensas áreas do Centro-Oeste. Em contrapartida, a Região Sul apresenta maior probabilidade de chuvas acima da normalidade, condição que pode se estender para São Paulo e de Mato Grosso do Sul, elevando o risco de excesso de umidade e eventos de precipitação mais frequentes nessas localidades.

Quanto às temperaturas, são esperados valores acima do normal em praticamente todo o País, especialmente no Norte, Nordeste e Centro-Oeste, com episódios de ondas de calor e baixa umidade relativa do ar mais frequentes, associando maior potencial para queimadas.

Nesse quadro, merece atenção o avanço da colheita do milho segunda safra, com área colhida próxima do encerramento, bem como o monitoramento das condições para a implantação da safra 2026/27 no Centro-Oeste e MATOPIBA, diante das previsões de chuvas abaixo da normalidade em parte dessas regiões. Também requerem acompanhamento os potenciais impactos da irregularidade das precipitações sobre culturas relevantes do Sudeste, especialmente café e cana-de-açúcar, cujos estágios são sensíveis à disponibilidade hídrica, além de citros, pastagens e culturas perenes. Na Região Sul, por sua vez, a persistência de volumes elevados de chuva pode ampliar os riscos operacionais, fitossanitários e de perda de qualidade nas culturas de inverno, além de aumentar o risco de replantio em áreas afetadas por chuvas intensas e atrasar o preparo das áreas destinadas à safra de verão.

Destaques – Produção de Grãos

Para a safra 2025/26, ainda em curso, o décimo primeiro levantamento da Conab indica uma produção total de 360,7 milhões de toneladas, volume 2,4% ou 8,5 milhões de toneladas superior ao obtido em 2024/25. Ainda segundo a Conab, a área a ser semeada deverá crescer 2,1% em relação ao ciclo anterior, sendo estimada em 83,5 milhões de hectares.

A produção brasileira de grãos abrange culturas como algodão, arroz, aveia, cevada, canola, feijão, milho, soja e trigo, cujos cultivos são conduzidos em três ciclos agrícolas distintos ao longo do ano, refletindo a diversidade climática e produtiva do País.

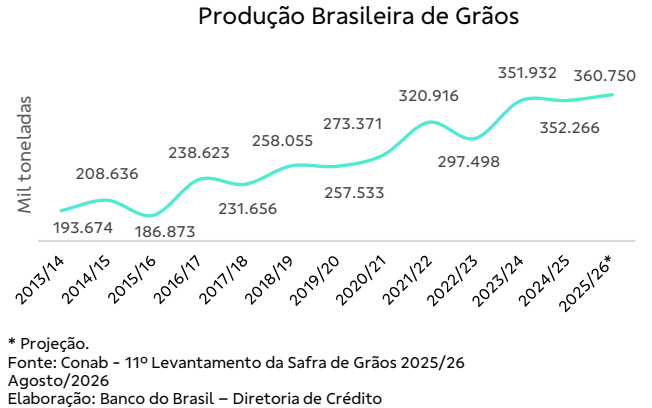
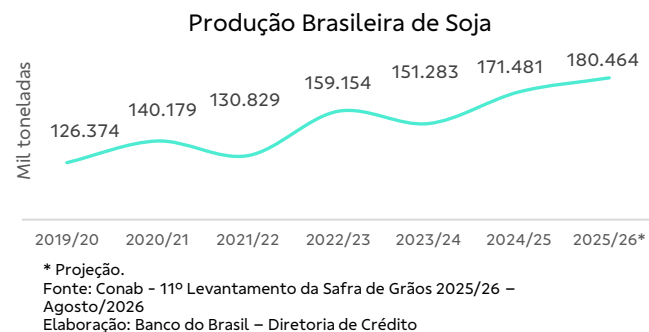
A primeira safra é semeada entre o final de agosto e dezembro e tem como principais culturas a soja, o milho 1ª safra, o arroz, o feijão e o algodão. Já a segunda safra, tradicionalmente chamada de safrinha, ocorre entre janeiro e meados de abril, tendo como principais culturas o milho, feijão e algodão. Por fim, a terceira safra e as culturas de inverno têm seus cultivos iniciados entre abril e junho.

Soja

A colheita da safra 2025/26 da soja foi finalizada no início de junho de 2026, a produção estimada do ciclo deve atingir 180,5 milhões de toneladas, 5,2% superior à registrada no ciclo 2024/25, o que representaria novo recorde de produção que, se confirmado, será o sétimo nas últimas dez safras.

A área plantada de soja avançou 2,7%, impulsionada pela demanda externa resiliente e pelo fortalecimento do consumo interno, sobretudo no segmento de processamento. Apesar desse cenário favorável, a expansão foi parcialmente contida pelas restrições de crédito, pela maior competitividade da pecuária de corte e pelos custos operacionais mais elevados, que comprimiram as margens esperadas e contribuíram para uma estratégia mais conservadora dos produtores na definição da área semeada.

Para o ciclo 2026/27, embora ainda não haja estatísticas domésticas oficiais de intenções de plantio, segundo estimativa do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), o Brasil deve produzir 186,0 milhões de toneladas de soja. Assim, segundo a Scot Consultoria, a projeção mantém o país na liderança mundial e amplia a disputa com os Estados Unidos, cuja produção está estimada em 122,4 milhões de toneladas.



Produção Brasileira de Soja		Desempenho no campo	
Soja	2024/25	2025/26*	
Produção (mil ton.)	13,3%	5,2%	
Produtividade (kg/ha)	10,3%	2,5%	
Área (ha)	2,7%	2,7%	

*Projeção
Fonte: Conab - 11º Levantamento de Safra de Grãos 2025/26 - Agosto/2026
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Na indústria, segundo a Abiove, a combinação entre demanda interna aquecida e exportações robustas deverá elevar o esmagamento para 63,3 milhões de toneladas de soja em 2026, crescimento de 7,8% frente às 58,7 milhões de toneladas processadas em 2025. A produção de farelo de soja, principal subproduto da cadeia, segue favorecida pelo avanço das exportações e pela demanda dos setores de proteína animal, reforçando o elevado nível de utilização da capacidade industrial no país.

Já a produção de óleo de soja, que cresceu 5,2% em 2025, deverá avançar mais 6,9% em 2026. Esse desempenho reflete a demanda interna aquecida, impulsionada pelos segmentos alimentício e de biocombustíveis, com destaque para o consumo doméstico e para a ampliação da mistura obrigatória de biodiesel, que segue sustentando a absorção do produto pelo mercado brasileiro.

Preços e Custos – Os custos de produção da soja seguem elevados em 2026. Os fertilizantes permanecem como os principais vetores de pressão, com valorizações dos fosfatados e do cloreto de potássio no mercado internacional, além da manutenção do MAP (fosfato monoamônico) em níveis historicamente elevados. Soma-se a esse cenário a persistência de incertezas sobre a oferta global de nutrientes, fator que mantém o mercado de insumos pressionado e restringe o avanço da rentabilidade em parte das regiões produtoras.

Esse movimento ganhou força a partir de março, como reflexo dos conflitos no Oriente Médio, e chama atenção também a persistência das restrições no fornecimento internacional de enxofre, insumo essencial para a produção de fertilizantes fosfatados. Embora a ureia tenha apresentado alguma acomodação nos últimos meses, os fosfatados e o cloreto de potássio seguem sustentados por custos elevados de matérias-primas, restrições de oferta e incertezas geopolíticas. Soma-se a esse cenário a continuidade da guerra entre Rússia e Ucrânia, que mantém a volatilidade nos mercados de energia, logística e fertilizantes. Além disso, outros custos operacionais, como óleo diesel e fretes, permanecem sensíveis a esses fatores. Nesse contexto, apesar de movimentos pontuais de acomodação, o ciclo segue marcado por custos elevados, maior volatilidade e margens financeiras estreitas para os produtores.

Em relação à cotação da commodity, após a forte retração observada entre 2022 e o início de 2024, os preços passaram a apresentar recuperação gradual, ainda marcada por oscilações típicas do mercado, e insuficiente para compensar a alta dos custos de produção. Após novas baixas nos primeiros meses de 2026, diante da entrada da safra brasileira no mercado e da oferta global abundante, as cotações voltaram a se recuperar, atingindo níveis próximos a R\$ 160,00 por saca de 60 kg. Esse movimento tem sido sustentado pela demanda externa aquecida e, principalmente, preocupações climáticas nos Estados Unidos, além das incertezas relacionadas aos possíveis impactos do El Niño sobre o desenvolvimento da safra 2026/27 na América do Sul.

Nesse sentido, espera-se que no curto prazo os preços da soja permaneçam relativamente sustentados, contudo, a expressiva disponibilidade global da oleaginosa ainda deve limitar movimentos mais acentuados de alta.

Por fim, o alto grau de alavancagem, combinado com o elevado custo do capital, seletividade do crédito e o avanço da inadimplência seguem pressionando o capital de giro e o acesso ao financiamento dos agricultores. Nesse contexto, a MP nº 1.376/2026 oferece alívio financeiro no curto prazo ao possibilitar a composição de dívidas rurais e CPRs e o alongamento dos passivos. Contudo, seu alcance é limitado pelos critérios de enquadramento e seus efeitos duradouros dependerão da recuperação das margens agropecuárias e das condições climáticas.

Mercado Externo – O Brasil é líder nas exportações globais de soja em grãos, tendo a China como principal destino, respondendo por 69,6% dos embarques nos primeiro sete meses de 2026. O desempenho recente das exportações foi favorecido pela safra recorde no ciclo 2024/25, pela demanda internacional aquecida e pelos efeitos da guerra comercial entre Estados Unidos e China, contribuindo para um crescimento de 9,5% no ano anterior, segundo a Abiove.

Para 2026, a perspectiva é de continuidade desse movimento, sustentada pela demanda global e pela expansão da produção, com aumento projetado de 6,7% nas exportações, segundo a Abiove. Contudo, custos logísticos elevados, possíveis mudanças nos fluxos comerciais e incertezas climáticas para a safra 2026/27 podem moderar esse avanço à frente. Somam-se a esses fatores as crescentes exigências ambientais e de rastreabilidade, especialmente regulamentações antidesmatamento na União Europeia.

As exportações de farelo de soja devem crescer 8,7% em 2026, com suporte da indústria de ração e pela competitividade da indústria brasileira. Ainda assim, a maior destinação da soja para óleo e biodiesel intensifica a disputa por matéria-prima, limitando o avanço dos embarques frente ao mercado doméstico.

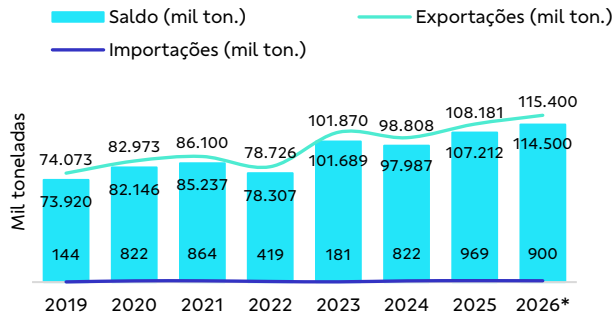
Indicador Soja Esalq/B3 – Paranaguá



Fonte: Cepea/Esalq/USP

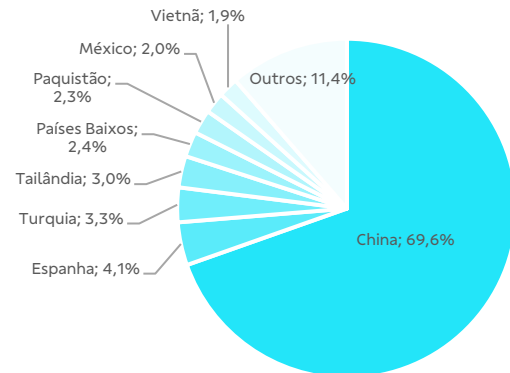
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Balança Comercial - Soja em Grãos
Acumulado/Ano



*2026 = Projeção Abiove
Fonte: Abiove, Secex e Agrostat
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Export. de Soja em Grãos - por Destino
Acumulado Jan - Jul 2026



Fonte: MDIC/Secex/Comex Stat
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Milho

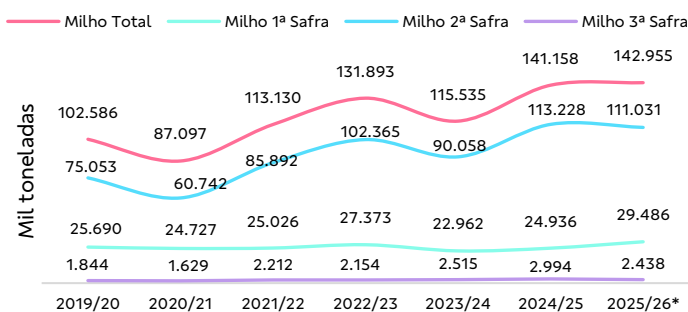
Após o desempenho recorde da safra de milho 2024/25, impulsionado por ganhos de produtividade e expansão da área plantada, o ciclo 2025/26 avança, com a primeira safra finalizada e a colheita da safrinha em fase final de cultivo. A última estimativa da Conab aponta crescimento de 1,3% na produção total das três safras, consolidando o segundo maior volume já registrado no país.

Na 1ª safra, cujo plantio ocorre entre setembro e novembro e a colheita predomina entre janeiro a abril, as estatísticas indicam expansão de 8,7% na área plantada e crescimento da produção de 18,2%. Esse avanço é impulsionado principalmente pela migração de áreas antes destinadas ao arroz e ao feijão, combinado a uma expectativa de ganho de 8,8% na produtividade, reforçando a recuperação do potencial produtivo da safra.

Para a 2ª safra, "safrinha", que é mais expressiva e encontra-se em estágio final de colheita, as estimativas apontam para condição semelhante em termos de maior área plantada (2,2%), embora menor rendimento (-4,1%), que, nesse caso, deve levar a produção a uma redução de 1,9% em relação à safra correspondente do ciclo 2024/25. Estados como São Paulo, Mato Grosso do Sul e Paraná tiveram um ritmo de colheita mais lento devido às baixas temperaturas, aliadas a maiores precipitações que alongaram o ciclo do cereal e retardaram a perda de umidade dos grãos.

Já a 3ª safra do período 2025/26, com um montante de produção mais residual, teve o plantio finalizado em todas as regiões produtoras. A falta e a redução das chuvas em algumas localidades já afetaram o potencial produtivo do cereal. A situação é mais crítica principalmente no nordeste da Bahia, Sergipe e parte de Alagoas, onde muitas áreas foram direcionadas para a produção de silagem numa tentativa dos produtores de reduzir o prejuízo eminente. Em razão das condições climáticas adversas, a produção projetada foi reduzida nos últimos prognósticos para 2,4 milhões de toneladas.

Produção Brasileira de Milho



*Projeção.
Fonte: Conab - 11º Levantamento da Safra de Grãos 2025/26 - Agosto/2026
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Desempenho no campo

Milho 3 Safras	2024/25	2025/26*
Produção total (mil ton.)	22,1%	1,3%
Produtividade (kg/ha)	16,5%	-2,1%
Área (ha)	3,8%	3,5%

*Projeção.
Fonte: Conab - 11º Levantamento de Safra de Grãos 2025/26 - Agosto/2026
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

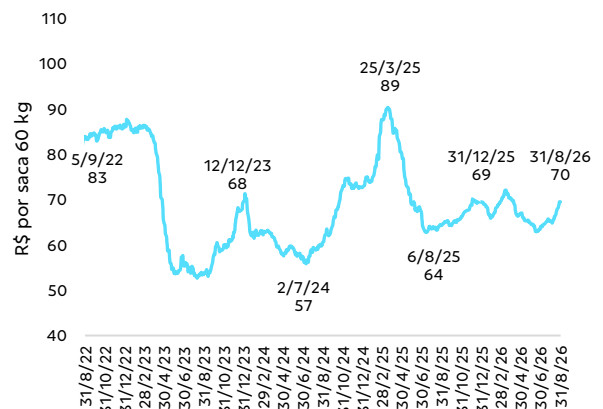
Para o ciclo 2026/27, embora ainda não haja estatísticas domésticas oficiais de intenções de plantio, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) divulgou estatísticas preliminares apontando para leve queda na produção.

O expressivo avanço da produção de milho no ciclo passado, aliado à crescente demanda por derivados, como farelo, óleo e etanol, impulsionou a indústria de processamento ao longo de 2025. Para 2026, a Conab projeta incremento de 4,8% no consumo interno, em um ambiente ainda favorável à utilização da commodity, sustentado pela expansão do etanol de milho, de seus coprodutos e da capacidade industrial instalada. Além de ampliar a demanda, o etanol de milho contribui para diversificar a matriz energética, reduzir a sazonalidade da oferta de biocombustíveis e interiorizar a produção de energia renovável, sobretudo no Centro-Oeste.

A volatilidade do preço do petróleo, ainda influenciada por tensões geopolíticas no Oriente Médio, sustenta a atratividade dos biocombustíveis. Além disso, o aumento da mistura obrigatória de etanol na gasolina, em vigor desde 1º de agosto, a valorização dos créditos de descarbonização (CBIOS) e os avanços regulatórios para o uso de biocombustíveis no transporte marítimo reforçam novas frentes de demanda para o setor.

Preços e Custos – A partir de agosto de 2025, os preços inverteram a trajetória baixista e passaram a se recuperar parcialmente, após serem pressionados pelo avanço das safras do Brasil e da Argentina e pela ampliação da área plantada nos EUA. A recuperação subsequente decorreu do fortalecimento das exportações e da expansão do consumo interno, especialmente pela indústria de rações e pelo crescente uso de milho para etanol. Recentemente, as incertezas sobre o desempenho da safra nos EUA e do clima à frente trouxeram valorização no último mês. Esses fatores seguem conferindo sustentação ao mercado, embora os elevados estoques, estimados em cerca de 12,5 milhões de toneladas no início da temporada, ante 1,8 milhão no ano anterior, e as perspectivas ainda favoráveis para as safras do Brasil e no mundo limitem ganhos mais expressivos. No mais, a colheita da segunda safra no Brasil e a maior disponibilidade do grão tendem a prevalecer, impondo viés de acomodação aos preços no curto prazo.

Indicador Milho Esalq/B3 - Paranaguá



Fonte: Cepea/Esalq/USP
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

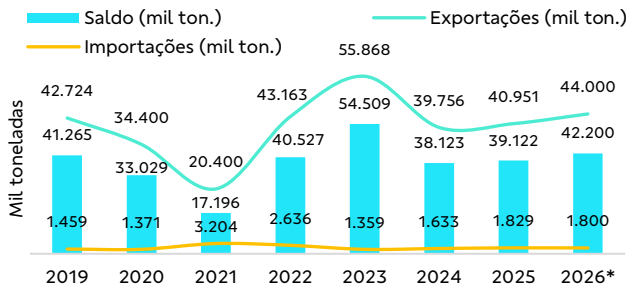
Adicionalmente, a formação dos preços do milho deverá continuar condicionada à interação com o mercado de soja, à expansão da demanda para etanol, ao comportamento dos estoques globais, ao ritmo das exportações brasileiras e à evolução das condições climáticas para a safra 2026/27. Paralelamente, variáveis macroeconômicas, como câmbio e crédito, e desafios logísticos relacionados à infraestrutura, armazenagem e escoamento da produção permanecerão como fatores de influência para a competitividade e a rentabilidade do setor.

No mercado de coprodutos do etanol de milho, a oferta de DDG/DDGS segue crescendo com a entrada e a ampliação de unidades industriais, enquanto os preços permanecem condicionados à expansão da demanda por rações. O avanço das exportações, inclusive para novos destinos, contribui para absorver a maior disponibilidade e limitar pressões baixistas. Assim, a formação das cotações continuará dependente também da competitividade frente ao farelo de soja, do desempenho das cadeias de proteína animal e do equilíbrio entre consumo interno e embarques externos.

Exportações – Diante da maior oferta de milho projetada para a safra 2025/26, espera-se expansão das exportações em 2026, sustentada pela produção doméstica e pela demanda internacional. Contudo, a recente desaceleração dos embarques e a menor competitividade frente aos EUA, Argentina e Ucrânia podem limitar o crescimento inicialmente estimado em 7,5%. Persistem ainda riscos associados ao conflito no Oriente Médio, especialmente sobre o Irã, destino de aproximadamente 16% do cereal brasileiro, além de possíveis pressões sobre fretes, seguros e rotas marítimas, fatores que podem moderar os embarques ao longo do ano.

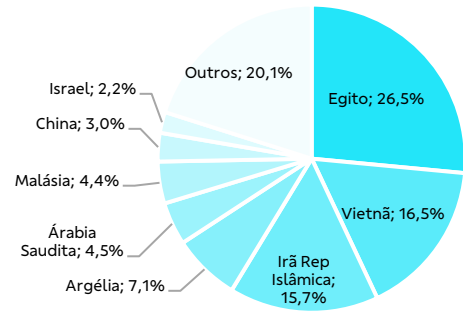
Entre março e julho de 2026, cinco primeiros meses de vigência do conflito, as exportações de milho para a região do Oriente Médio recuaram 44,6%, porém, houve compensação para outros destinos, observando avanço de 4,9% nas exportações totais de milho frente ao mesmo período de 2025.

Balança Comercial – Milho
Acumulado/Ano



*2026 = Projeção USDA
Fonte: Secex e Agrostat
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Export. de Milho - por Destino
Acumulado Janeiro a Julho/2026



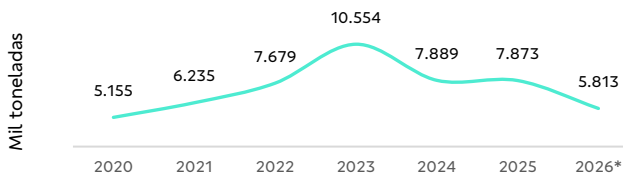
Fonte: MDIC/SECEX; Comex Stat
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Trigo

A safra de trigo concentra o plantio entre maio e julho e a colheita entre setembro e dezembro. Em 2026, a semeadura está concluída nas principais regiões produtoras, e as lavouras avançam do desenvolvimento vegetativo para floração e enchimento de grãos, com colheitas pontuais nas áreas mais adiantadas. Apesar do bom estabelecimento das lavouras, chuvas intensas, elevada umidade e baixa luminosidade no Sul aumentam os riscos de doenças e perdas localizadas. As estimativas apontam redução de 26,2% na produção, refletindo principalmente a retração da área no Rio Grande do Sul (-31,3%), em Santa Catarina (-24,4%) e no Paraná (-11,9%). A menor rentabilidade, os custos elevados e as incertezas climáticas seguem limitando os investimentos e a área destinada ao trigo no país.

Além da redução estimada da área, o clima tornou-se um ponto central de acompanhamento. A intensificação do El Niño tende a elevar as chuvas no Sul durante fases críticas e a colheita, ampliando os riscos de doenças, perdas de produtividade e deterioração de parâmetros como peso hectolitro, germinação e teor de proteína. Eventuais problemas de qualidade poderão elevar os prêmios pelo trigo panificável e ampliar a necessidade de importação de lotes com melhor especificação, enquanto a oferta argentina e o câmbio deverão balizar os preços internos.

Produção Brasileira de Trigo



* Projeção.
Fonte: Conab - 11º Levantamento da Safra de Grãos 2025/26 - Agosto/2026
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Desempenho no Campo

Trigo	2025	2026*
Produção (mil ton.)	-0,2%	-26,2%
Produtividade (kg/ha)	24,8%	-7,2%
Área (ha)	-20,0%	-20,4%

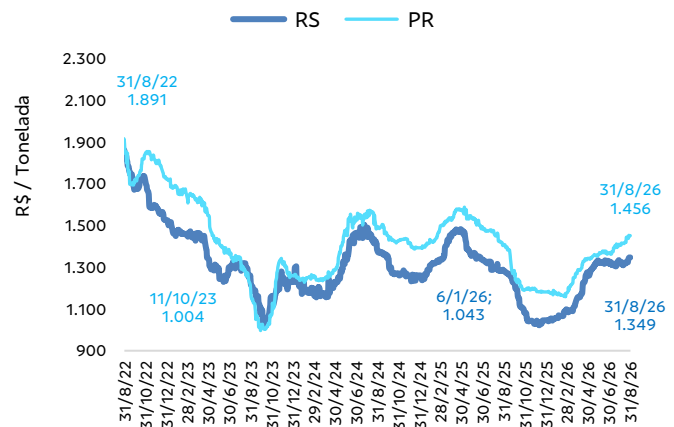
*Projeção
Fonte: Conab - 11º Levantamento de Safra de Grãos 2025/26 - Agosto/2026
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Apesar dos desafios, a demanda da indústria de moagem permanece como importante fator de sustentação da cadeia tritícola, com perspectiva de crescimento moderado em 2026. O mercado de farinha e derivados mantém-se relativamente maduro, mas é favorecido pela diversificação de massas, pré-misturas e farinhas especiais, além da demanda regular da indústria alimentícia. Contudo, a redução da oferta doméstica, a maior dependência de importações e a menor valorização do farelo de trigo tendem a pressionar custos e margens. Ainda assim, hábitos alimentares consolidados e a evolução da renda real devem sustentar as vendas e o faturamento do setor, embora em ritmo gradual.

Embora a qualidade do trigo nacional venha evoluindo, as indústrias moageiras permanecem dependentes das importações para complementar o abastecimento. A Conab projeta compras de 7,1 milhões de toneladas em 2026/27, alta superior a 20%, com a Argentina mantendo a posição de principal fornecedora pelas vantagens tarifárias e logísticas. Contudo, restrições de proteína e glúten em parte da última safra argentina têm estimulado a diversificação do suprimento, com maior participação da Rússia, e valorizado lotes nacionais e importados de melhor especificação destinados aos segmentos mais exigentes da moagem.

Preços e Custos – No ano passado, as cotações do trigo entraram em trajetória de baixa a partir do segundo trimestre. Desde janeiro de 2026, contudo, os preços apresentam recuperação, sustentados pela oferta restrita e pela baixa liquidez na entressafra. Em agosto, a valorização prosseguiu, especialmente no Paraná, embora de forma desigual entre as regiões. No curto prazo, as cotações devem permanecer firmes e voláteis, diante da menor produção doméstica, da disponibilidade limitada de trigo argentino com padrão panificável e das incertezas quanto à qualidade da nova safra brasileira. A demanda regular dos moinhos, a valorização internacional e os riscos geopolíticos também oferecem sustentação. Entretanto, o avanço da colheita e das importações tende a ampliar a oferta e limitar novas altas, enquanto lotes de melhor qualidade deverão continuar recebendo prêmios.

Indicador do Trigo Cepea/Esalq



Fonte: Cepea/Esalq/USP

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

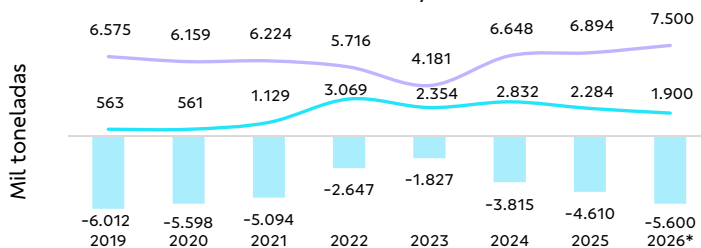
Os custos de produção do trigo no Brasil seguem elevados, com destaque para os fertilizantes, que ainda estão pressionados pelas tensões geopolíticas e pela oferta restrita de enxofre, insumo essencial aos fosfatados. Embora sua cotação tenha recuado recentemente, permanece muito acima dos níveis históricos, levando a indústria a pleitear subvenção emergencial ao governo. Somam-se os gastos com defensivos, diesel, logística e maquinário, além do crédito ainda oneroso. Mesmo com a valorização do cereal e alguma acomodação nos insumos, a rentabilidade permanece estreita, limitando a competitividade do trigo frente a outras alternativas agrícolas.

Na indústria, a volatilidade das cotações e a limitada capacidade de repasse aos preços finais continuam comprimindo as margens. A perspectiva de menor oferta doméstica amplia a dependência do trigo importado, sobretudo da Argentina, elevando a exposição ao câmbio, aos fretes e às incertezas geopolíticas. Soma-se a isso a desvalorização do farelo de trigo diante da maior oferta e dos menores preços do milho, reduzindo uma importante fonte de receita da moagem. Adicionalmente, a manutenção da Selic em patamar restritivo eleva o custo de carregamento dos estoques e do capital de giro, pressionando o fluxo de caixa e a rentabilidade do setor moageiro.

Mercado Externo – O Brasil segue dependente das importações para atender à demanda interna de trigo, que em 2025 corresponderam a cerca de 56% do consumo nacional. Nos primeiros sete meses de 2026, a Argentina respondeu por 73,3% do volume importado, com 2,51 milhões de toneladas, queda de 21,5% ante igual período de 2025, enquanto o Paraguai ampliou seus embarques em 79,9%, para 460,2 mil toneladas. Com a menor safra brasileira, a Conab projeta importações de 7,1 milhões de toneladas em 2026/27, estimulando também a diversificação de fornecedores, com maior participação potencial da Rússia.

Para o ano, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) projeta a continuidade desse cenário, com o Brasil recorrendo a volumes de importação superiores aos de 2025 para complementar a menor oferta doméstica e assegurar o equilíbrio do abastecimento interno.

Balança Comercial do Trigo Acumulado/Ano



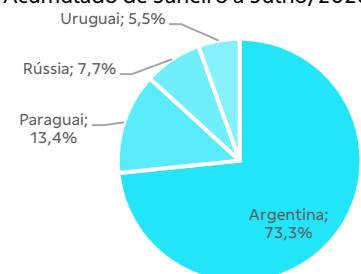
*2026 = Projeção USDA

Fonte: Secex e Agrostat

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Saldo (mil ton.)
Exportações (mil ton.)

Importações de Trigo por Origem Acumulado de Janeiro a Julho/2026



Fonte: MDIC/Secex/Comex Stat

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Cana-de-Açúcar

O ciclo da cana-de-açúcar 2026/27, iniciado em abril, tem produção estimada pela Conab em 705,2 milhões de toneladas, alta de 4,7% sobre a safra anterior. A maior produção de cana na safra 2026/27 é favorecida pela expansão da área colhida, para 9,1 milhões de hectares, alta de 1,1%, e pelo aumento de 3,6% da produtividade, para 77.905 kg/ha, diante das condições climáticas mais favoráveis no início do ciclo, que beneficiaram a recuperação dos canaviais em importantes regiões produtoras, sobretudo no Sudeste, embora as chuvas mais recentes tenham reduzido pontualmente o ritmo da colheita e da moagem no Centro-Sul.

A expansão da área, associada sobretudo à conversão de pastagens, reforça a liderança brasileira no setor sucroenergético. Paralelamente, o etanol de milho amplia sua participação, com produção projetada em 11,91 bilhões de litros, alta de 17%, diversificando a matriz de biocombustíveis e tornando a oferta doméstica menos dependente do ciclo da cana.

Apesar desse avanço, a Conab reduziu a estimativa de produção de 709,1 milhões para 705,2 milhões de toneladas do 1º levantamento em abril para o 2º levantamento em agosto. O resultado final, contudo, permanece condicionado à regularidade climática e à evolução do El Niño. Nesse contexto, o principal ponto de monitoramento será a capacidade operacional das usinas de processar a maior disponibilidade de matéria-prima dentro da janela adequada de colheita.

Desempenho do Setor

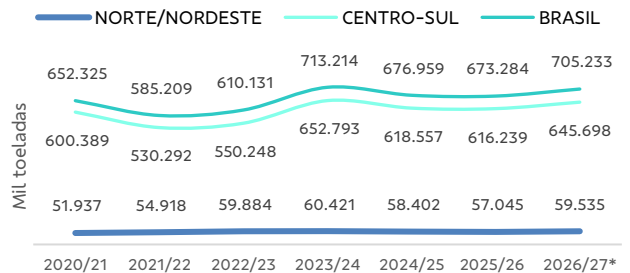
Cana-de-Açúcar	2025/26	2026/27*
Produção (mil ton.)	-0,5%	4,7%
Produtividade (kg/ha)	-2,6%	3,6%
Área (mil ha.)	2,1%	1,1%
Produção de Derivados	2025/26	2026/27*
Açúcar	0,1%	-2,9%
Etanol de Cana	-6,9%	9,7%

* Projeção.

Fonte: Conab - 2º levantamento da safra 2026/27. Agosto/2026.

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito.

Produção de Cana-de-Açúcar



* Projeção

Fonte: Conab - 2º levantamento da safra 2026/27. Agosto/2026.

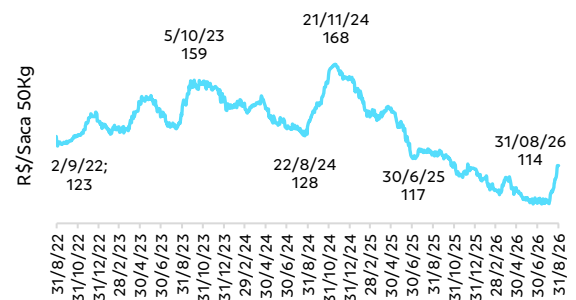
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Produção de Açúcar

A produção de açúcar está estimada em 42,9 milhões de toneladas, redução de 2,9% em relação à safra anterior, refletindo ajustes no mix das usinas e o maior direcionamento da cana à fabricação de etanol. No cenário internacional, embora a oferta permaneça relativamente elevada, o avanço do El Niño amplia os riscos sobre a produção de importantes fornecedores, especialmente Índia e Tailândia, trazendo maior incerteza ao balanço global. No Brasil, a disponibilidade para exportação tende a ser menor, enquanto custos de produção elevados, juros restritivos e a volatilidade dos mercados de energia e câmbio continuam impondo desafios à gestão operacional e à rentabilidade do setor.

Cotações do Açúcar – O clima mais ameno ao longo de 2025, favorável à recuperação da produção brasileira de cana, combinado à retomada da oferta global, resultou em forte depreciação dos preços do açúcar no ano passado. Em 2026, após quedas consecutivas no primeiro trimestre, as cotações passaram a alternar reações e novas correções, influenciadas pelo petróleo, pela competitividade do etanol e pelas dúvidas sobre o mix das usinas. Em agosto, contudo, os preços avançaram expressivamente na *Intercontinental Exchange* (ICE), sustentados pelos atrasos na moagem do Centro-Sul, pelo maior direcionamento da cana ao etanol e pelos riscos do El Niño sobre Índia e Tailândia. No curto prazo, as cotações tendem a permanecer mais firmes, porém voláteis, condicionadas às perspectivas de restrição da oferta global e à evolução da safra brasileira.

Indicador do Açúcar Cristal – Cepea/Esalq São Paulo

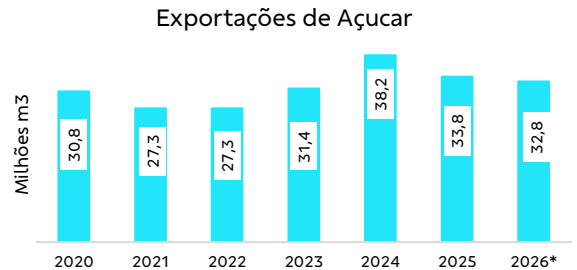


Fonte: Cepea/Esalq/USP

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Prospectivamente, os efeitos do clima em regiões produtoras, com El Niño com probabilidade superior a 90% de atingir intensidade muito forte, é o principal fator de fortalecimento dos preços, assim como a maior competitividade do etanol e à ampliação dos mandatos de mistura. Contudo, a sustentação das cotações dependerá da efetiva redução da oferta global, da evolução dos estoques e da intensidade dos impactos sobre as safras.

Exportações – As exportações brasileiras de açúcar registraram queda de 11,5% em 2025, período que a receita caiu em maior intensidade (24,12%), passando de US\$ 18,6 bilhões para US\$ 14,1 bilhões. A maior oferta global de açúcar em 2025, impulsionada pelo retorno da Índia e da Tailândia ao mercado internacional, somada à redução da produção doméstica, contribuiu para a queda no volume exportado pelo Brasil. Mais recentemente, nos primeiros sete meses de 2026, as exportações involuíram 7,2% em comparação a igual período do ano passado, atingindo 15,2 milhões de toneladas e a receita, por sua vez, caiu 27,0%, refletindo também o recuo nos preços até julho.



* Previsão para 2026 – USDA
 Fonte: Secex, Agrostat e USDA
 Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Para o final de 2026, as estimativas do USDA indicam redução de 2,9% nas exportações brasileiras de açúcar. Embora ainda haja preocupação de que o conflito no Oriente Médio possa restringir a demanda regional, responsável por parcela relevante das compras do produto brasileiro, haja vista a persistência de instabilidades, altos custos logísticos, frete e seguros, no acumulado dos sete primeiros meses de 2026, já sob parte dessas incertezas geopolíticas, as exportações brasileiras de açúcar para o Oriente Médio cresceram 33,5% em volume frente ao mesmo período de 2025. Nesse sentido, importante ressaltar a base mais fraca de exportações para o Oriente Médio em 2025.

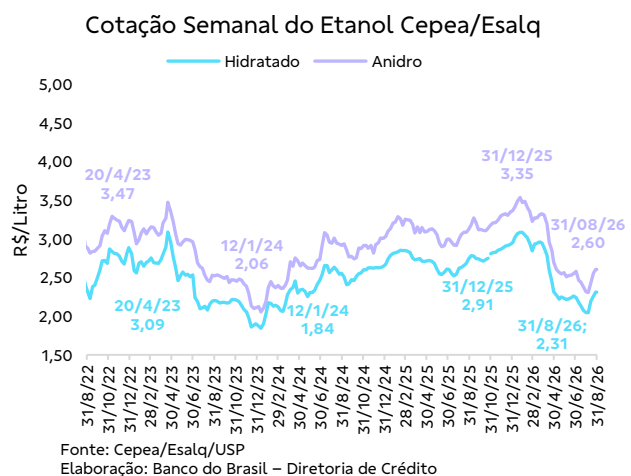
Por fim, os Estados Unidos reduziram em 35,9% a cota de açúcar brasileiro com tratamento tarifário preferencial, de 156 mil para 100 mil toneladas, para o próximo ciclo que começa em outubro, condicionando sua recomposição a avanços nas negociações comerciais. Embora o mercado norte-americano represente parcela limitada das exportações nacionais (0,6%), a medida afeta principalmente usinas do Nordeste e empresas mais expostas ao país.

Produção de Etanóis

Para o ciclo produtivo 2026/27, iniciado em abril, a segunda estimativa aponta para produção total de aproximadamente 41,8 bilhões de litros de etanol, crescimento de 11,7% frente ao ciclo anterior. A produção deverá ser composta por 29,9 bilhões de litros de etanol de cana-de-açúcar, avanço de 9,7%, e 11,9 bilhões de litros de etanol de milho, crescimento de 17,0%. A adoção da mistura E32 a partir de agosto tende a fortalecer o consumo doméstico de etanol e a elevar a atratividade relativa do biocombustível, aumentando a probabilidade de um maior direcionamento da matéria-prima para sua produção.

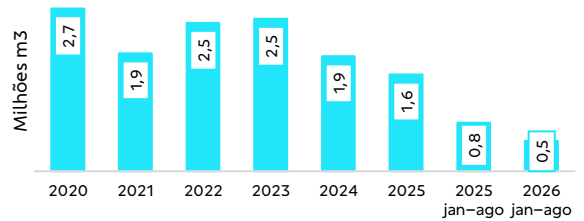
Cotações do Etanol – Os preços dos etanóis hidratado e anidro de cana-de-açúcar, após queda no 1º semestre de 2025, iniciaram movimento de reversão com a maior procura após a elevação da mistura E27 para E30 (% de etanol na gasolina).

A partir de abril de 2026, contudo, as cotações voltaram a cair diante do rápido crescimento da oferta, impulsionado pelo início da safra 2026/27 no Centro-Sul, pelo mix mais alcooleiro e pela expansão do etanol de milho. Em agosto, esse movimento se reverteu, com o hidratado alcançando R\$ 2,31/litro e o anidro R\$ 2,60/litro, sustentados pela maior demanda, pela reposição de estoques e pela postura mais firme das usinas. No curto prazo, a vigência do E32 e a possibilidade de chuvas restringirem a moagem tendem a manter os preços relativamente firmes, embora ainda abaixo dos níveis registrados no final de 2025.



Exportações – As exportações brasileiras de etanol recuaram 16,0% em 2025, para 1,6 bilhão de litros. Nos primeiros oito meses de 2026, a retração alcançou 37,5% frente ao mesmo período do ano anterior, refletindo a menor competitividade externa e o maior direcionamento da oferta ao mercado doméstico. Apesar do desempenho desfavorável no acumulado do ano, a produção recorde e a abertura de novos mercados podem favorecer a recuperação dos embarques nos próximos meses, embora o resultado permaneça condicionado à relação de preços com o etanol norte americano.

Exportações de Etanol



Fonte: Ministério da Agricultura e Pecuária; MDIC/SECEX
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

A Coreia do Sul (32%), Holanda (31%), e Estados Unidos (13%) são os três principais destinos das exportações, sendo que somente 5% da produção brasileira de etanol é destinada ao exterior. Destaca-se que no mercado externo, a ampla oferta de etanol de milho nos Estados Unidos, os preços pouco estimulantes e os custos logísticos elevados limitam os embarques brasileiros, enquanto a maior atratividade do mercado doméstico faz com que as usinas priorizem as vendas internas, apoiadas pela competitividade do biocombustível frente à gasolina. Prospectivamente, a vigência do E32 tende a reforçar a demanda interna, embora a produção recorde e a busca por novos mercados possam favorecer alguma recuperação das exportações nos próximos meses, condicionada à competitividade do produto brasileiro.

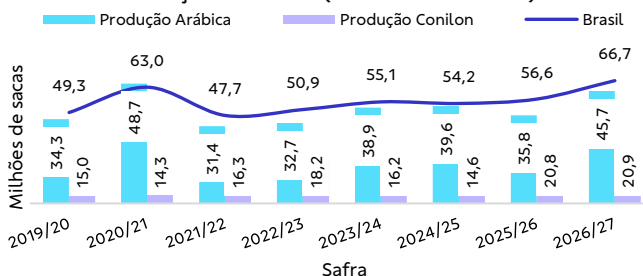
As tensões no Oriente Médio continuam ampliando a volatilidade dos mercados de energia e os riscos sobre os fluxos de petróleo pelo Estreito de Ormuz, com reflexos potenciais nos custos de combustíveis, fretes e seguros. Nesse ambiente, o etanol ganha atratividade relativa como alternativa energética, embora a competitividade das exportações brasileiras permaneça condicionada aos preços internacionais e aos custos logísticos. A diversificação dos destinos, com oportunidades na Coreia do Sul, nos Países Baixos e nas Filipinas, pode ampliar os embarques no médio prazo. Por outro lado, a política comercial nos Estados Unidos dificulta a competitividade do produto brasileiro naquele mercado. Como o país responde por aproximadamente 13% das exportações e os embarques representam parcela limitada da produção nacional, os efeitos tendem a se concentrar nas empresas mais expostas ao mercado norte-americano.

Café

Para a safra de café 2026, o 2º levantamento da Conab, divulgado em maio, projetou produção recorde de 66,7 milhões de sacas, crescimento de 18,0% em relação à temporada anterior. O aumento previsto decorre da bialidade positiva da especialidade arábica, da expansão da área em produção, dos avanços tecnológicos e das condições climáticas favoráveis durante grande parte do ciclo. Embora ainda não tenha ocorrido nova revisão oficial, o fortalecimento do El Niño elevou a atenção sobre a distribuição das chuvas e a ocorrência de ondas de calor nas regiões produtoras. Como a colheita de 2026 se encontra avançada, os principais riscos concentram-se na florada e no desenvolvimento inicial da safra seguinte, especialmente entre setembro e novembro. Ainda assim, o potencial produtivo do ciclo atual permanece elevado e, em comparação com a safra de 2024, também de alta bialidade, a produção total projetada segue 23,1% superior.

Segundo estimativa da Conab, a área total cultivada com café, arábica e conilon, no país, alcança 2,34 milhões de hectares, 3,9% acima da safra anterior, acréscimo de 86,9 mil hectares. Desse total, 1,94 milhão de hectares estão em produção, com crescimento de 4,4% em relação ao ano anterior e 401,7 mil hectares em formação, com crescimento de 1,3%.

Produção Cafeeira (Arábica + Conilon)



Fonte: Conab – 2º Levantamento da Safra de Café 2026/27 – Mai/2026
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Desempenho no Campo

Café – Safra 2026/27	Arábica	Conilon
Produção (mil ton.)	28,0%	0,8%
Produtividade (kg/ha)	22,6%	-3,5%
Área em produção (ha)	4,4%	4,4%

Fonte: Conab – 2º levantamento da safra 2026/27 – Maio/2026
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

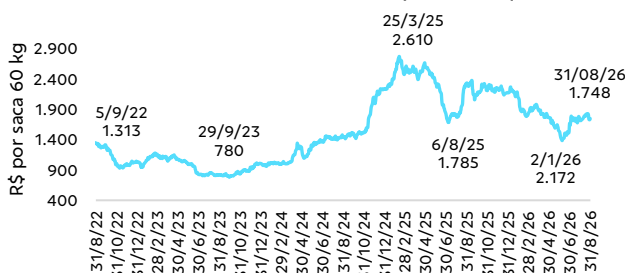
A safra brasileira de café de 2026 mantém perspectiva bastante favorável, sustentada principalmente pelo desempenho do arábica – que foi beneficiado pela bienalidade positiva – pela expansão da área em produção e pelos ganhos de produtividade, conforme projeção da Conab. Como a variedade ocupa cerca de 81% da área cafeeira nacional, sua evolução permanece determinante para o resultado agregado da colheita. Por outro lado, o fortalecimento do EL Niño, com elevada probabilidade de atingir intensidade muito forte, ampliou os riscos para o próximo ciclo. Chuvas antecipadas podem induzir floradas precoces ou desuniformes, enquanto eventuais períodos posteriores de calor e restrição hídrica podem prejudicar o pegamento dos frutos. Assim, o monitoramento concentra-se nas condições entre setembro e novembro, especialmente no Sul de Minas, Cerrado Mineiro e Mogiana, fases e regiões decisivas para a formação do potencial produtivo da safra seguinte.

Na indústria, o hábito de consumo e a baixa elasticidade da demanda conferem resiliência ao mercado, mas a valorização do grão elevou os custos e enfraqueceu o consumo, que caiu 2,3% em 2025, para 21,4 milhões de sacas. Para 2026, espera-se estabilidade ou recuperação moderada, favorecida pelo aumento da oferta e pelo repasse gradual da queda das cotações ao varejo. Segundo apuração baseada em itens do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), o café moído recuou 17,2% nos 12 meses até julho, maior queda para o período desde o Plano Real. Contudo, o ajuste ainda não compensa a valorização de quase 100% entre janeiro de 2024 e junho de 2025, mantendo os preços elevados e limitando a retomada do consumo.

Cotações do Café – Após a forte valorização de preços observada nas especialidades arábica e conilon, as cotações iniciaram trajetória de correção que predominou no primeiro semestre de 2025. Em agosto, no entanto, houve movimento de recuperação dos preços até o início de outubro, em meio à revisão baixista na expectativa de produção do arábica no Brasil (maior produtor mundial) e chuvas em excesso em regiões produtoras do país, além das incertezas decorrentes da política tarifária nos EUA com diminuição nas compras estadunidenses e acompanhamento dos níveis de estoques do café no país americano, que inclusive trouxeram certa volatilidade adicional às cotações em alguns momentos.

Em 2026, os preços do café passaram a refletir a expectativa de safra brasileira recorde, o avanço da colheita e a perspectiva de maior oferta global, fatores que inicialmente favoreceram a acomodação das cotações. Contudo, desde meados de junho, o mercado ganhou sustentação diante das chuvas que dificultaram a colheita e a secagem dos grãos, dos baixos estoques certificados e dos riscos de perda de qualidade do arábica. Mais recentemente, o fortalecimento do EL Niño ampliou o prêmio de risco climático e impulsionou forte valorização, embora as cotações tenham recuado parcialmente após atingirem picos recentes. No curto prazo, a maior disponibilidade física tende a limitar novas altas, mas a irregularidade das chuvas e as temperaturas elevadas mantêm incertezas sobre as floradas, o pegamento dos frutos e o potencial da próxima safra, preservando a volatilidade do mercado.

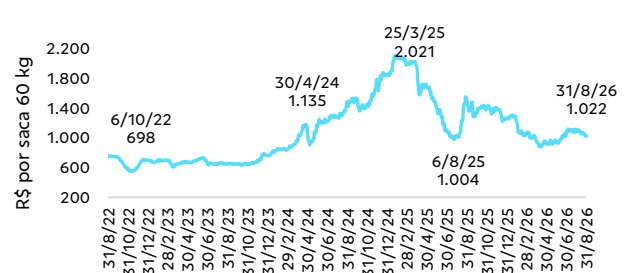
Indicador Café Arábica – Cepea/Esalq



Fonte: Cepea/Esalq/USP

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Indicador Café Robusta – Cepea/Esalq



Fonte: Cepea/Esalq/USP

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

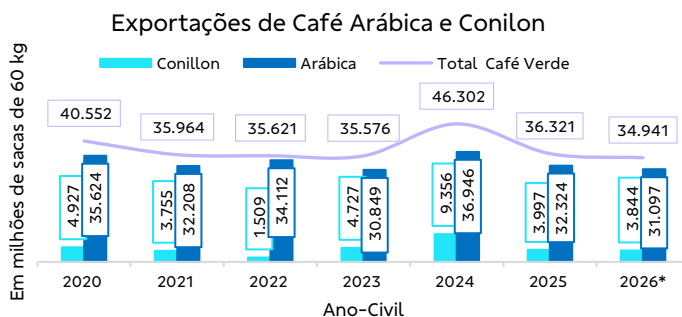
Exportações – Após o recorde de 2024, as exportações brasileiras de café verde recuaram 21,6% em 2025, para 36,3 milhões de sacas de 60 kg, enquanto a receita avançou 31,0%, alcançando o recorde de US\$ 14,9 bilhões, sustentada pela valorização internacional do produto. Para os Estados Unidos, os embarques totais de café caíram 33,9% no ano e cerca de 55% durante a vigência da tarifa adicional de 50%, entre agosto e novembro. Além da questão tarifária, a recuperação da produção em importantes países concorrentes e a menor oferta brasileira no último ciclo também contribuíram para o enfraquecer as exportações em 2025. Em síntese, o desempenho de 2025 evidenciou a sensibilidade das exportações brasileiras à disponibilidade interna, às condições de acesso aos principais mercados e à concorrência internacional.

Embora as exportações permaneçam concentradas no café in natura, a pauta apresenta diversificação gradual, com maior participação de cafés industrializados e de maior valor agregado, favorecida pela expansão da demanda asiática e pelo fortalecimento de mercados alternativos. Ainda assim, entraves relacionados à competitividade da indústria nacional, aos custos logísticos e à elevada carga tributária continuam restringindo um avanço mais expressivo desse segmento. Nesse sentido, segundo informações do Cecafé, as exportações de café solúvel cresceram 10,9% entre janeiro e julho de 2026, para o equivalente a 2,49 milhões de sacas, impulsionadas pela expansão das vendas para a União Europeia e mercados alternativos. A recente retirada da sobretaxa dos Estados Unidos também tende a favorecer o segmento no segundo semestre. Ainda assim, os custos logísticos, a elevada carga tributária e as limitações competitivas da indústria nacional continuam restringindo uma expansão mais expressiva.

Nos primeiro sete meses de 2026, os embarques brasileiros de café recuaram 5,9% em relação ao mesmo período do ano anterior, totalizando 20,9 milhões de sacas de 60 quilos. Na mesma direção, as projeções do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) indicam queda de 3,8% nas exportações brasileiras de café em 2026, especialmente em volume, em razão de um ambiente internacional adverso.

A persistência das tensões no Oriente Médio, com recrudescimento recente dos conflitos, segue pressionando os custos logísticos do comércio internacional, enquanto os gargalos da infraestrutura portuária brasileira continuam impondo entraves às exportações de café. Embora o avanço da colheita tenha sustentado o ritmo dos embarques em agosto, o Porto de Santos, responsável pelo escoamento de aproximadamente 75% a 80% do café brasileiro, segue operando sob elevado nível de congestionamento, gerando atrasos, alterações de escala e custos adicionais aos exportadores. Esse cenário dificulta o cumprimento de contratos, reduz a previsibilidade das operações e continua comprometendo a competitividade do setor brasileiro no mercado internacional.

Por outro lado, embora o curto prazo ainda reflita contração nas exportações, o cenário de médio prazo permanece favorável. A maior produção esperada para 2026/27, a expansão para novos mercados, a recuperação gradual da demanda internacional e a aplicação provisória do acordo União Europeia-Mercosul tendem a favorecer os embarques brasileiros, sobretudo de cafés industrializados. Ao mesmo tempo, a intensificação do El Niño, as incertezas econômicas globais e os conflitos no Oriente Médio podem elevar a volatilidade dos preços e dos custos logísticos, reforçando a relevância do Brasil como fornecedor estratégico em um mercado mais incerto.

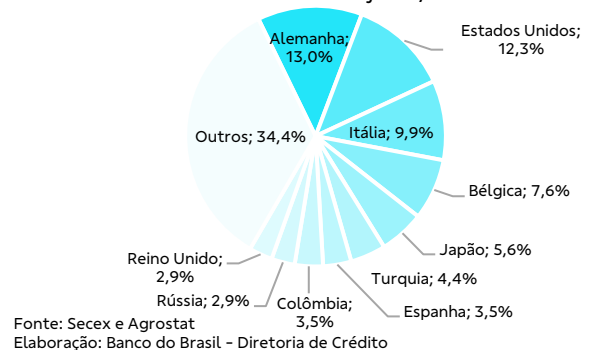


*Projeção do USDA

Fonte: Cecafé

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

**Exportações de Café Verde por Destino
Acumulado Janeiro a julho/2026**



Fonte: Secex e Agrostat

Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Por fim, ganha relevância a capacidade da cadeia cafeeira de se adaptar às novas exigências de acesso aos mercados internacionais. Com a aproximação da entrada em vigor do Regulamento de Desmatamento da União Europeia (EUDR), aumentam as demandas por rastreabilidade, geolocalização das propriedades e comprovação da conformidade socioambiental. Nas últimas semanas, avançaram as orientações operacionais do bloco e os preparativos para o sistema de diligência devida, reforçando a necessidade de investimentos em governança, transparência e gestão de dados ao longo de toda a cadeia exportadora.

Nesse sentido, já se observa avanço das iniciativas de exportadores e tradings voltadas à adequação às exigências de rastreabilidade e devida diligência. Esse movimento reforça a cultura por transparência e qualidade das informações ao longo da cadeia de suprimentos. Embora tais requisitos impliquem custos adicionais e complexidade operacional, seus impactos tendem a ser mitigados progressivamente com o amadurecimento dos investimentos, fortalecimento da competitividade nos mercados mais exigentes.

Destaques – Proteínas Animais

Bovinos

Segundo a Conab, o país encerrou 2025 com produção de 11,9 milhões de toneladas de carne bovina, crescimento de 7,4% em relação a 2024. Para 2026, as projeções apontam retração de 5,3%, refletindo efeitos da virada do ciclo pecuário, marcada pela maior retenção de fêmeas e pela redução gradual da oferta de animais para abate. Essa mudança já começa a aparecer nos indicadores do setor, com consultorias reportando queda de 2,7% nos abates nos sete primeiros meses de 2026 frente ao mesmo período de 2025, o que reforça a expectativa de menor disponibilidade de carne bovina nos próximos meses.

Nesse contexto, a oferta mais restrita de boi gordo e a intensificação da retenção de fêmeas sinalizam menor disponibilidade de animais terminados no curto e médio prazo.

Preços e Custos – Em um contexto de transição do ciclo pecuário, com escalas de abate mais curtas e expectativa de menor oferta de animais no médio prazo, aliado à forte demanda internacional e ao ritmo mais lento de recomposição dos rebanhos em importantes países produtores, os preços do boi gordo no mercado doméstico seguem sustentados e em patamares historicamente elevados.

Entretanto, eventuais oscilações no ritmo das exportações e ajustes sazonais da demanda podem favorecer momentos de acomodação das cotações no curto prazo. Ainda assim, a menor disponibilidade de animais para abate, aliada à perspectiva de aquecimento da demanda doméstica e externa no último trimestre do ano, tende a continuar sustentando os preços elevados.

No mais, o auge da estação seca – entre os meses de junho e setembro – mantém pressionada a capacidade de suporte das pastagens em importantes regiões pecuárias, especialmente no Centro-Oeste e no Sudeste, ampliando a necessidade de suplementação alimentar. Ao mesmo tempo, o confinamento deve alcançar novo recorde em 2026, contribuindo para compensar parcialmente a redução da oferta proveniente das pastagens. Para os próximos meses, o El Niño tende a impor condições climáticas contrastantes, com chuvas abaixo da média e temperaturas elevadas no centro-norte do país e excesso de umidade no Sul, mantendo o clima como fator relevante para os custos de produção, a retenção dos rebanhos e a dinâmica dos preços.

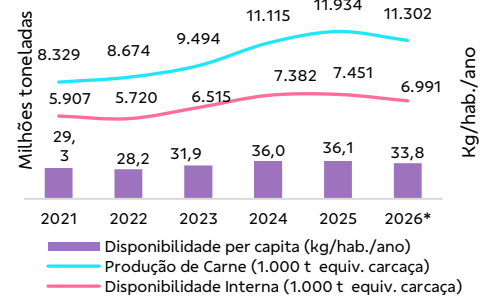
A arroba do boi gordo permanece elevada, pressionando os custos e as margens dos frigoríficos, especialmente os de menor porte, que enfrentam oferta restrita, escalas curtas e necessidade de reduzir abates ou recorrer a confinamentos próprios.

Por fim, o confinamento bovino segue preservando margens, sustentadas pelos preços firmes da arroba e pelos custos ainda administráveis da alimentação, favorecidos pela oferta existente de milho. Ainda assim, a valorização dos animais de reposição, a maior necessidade de suplementação durante o período seco e a competição mais acirrada pela aquisição de gado seguem desfavorecendo custos e exigindo maior eficiência operacional dos confinadores.

Mercado Externo – As exportações brasileiras de carne bovina alcançaram desempenho histórico em 2025, com 3,5 milhões de toneladas embarcadas e receita de US\$ 18,0 bilhões, consolidando o país como líder mundial do setor.

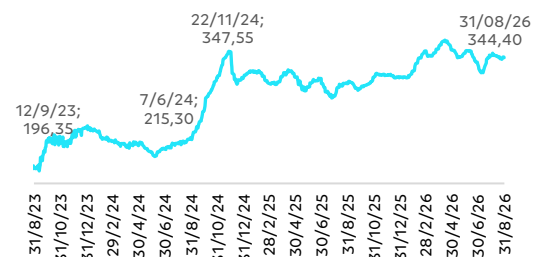
Apesar da demanda internacional ainda favorável, sustentada pela menor oferta nos principais países produtores, o cenário tornou-se mais desafiador diante da salvaguarda chinesa e da interrupção dos embarques para a União Europeia. Em sentido contrário, a ampliação temporária da cota norte-americana cria oportunidade adicional de diversificação, embora com efeito limitado sobre as margens. Nesse contexto, a competitividade brasileira, apoiada na capacidade produtiva, segurança sanitária e ampla presença internacional, permanece como importante fator de sustentação das exportações.

Oferta de Carne e Disponibilidade



Fonte: Conab / * Projeção.
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Preço do Boi Gordo à Vista (Cepea/B3 - R\$/@)



Fonte: Cepea; @ = (arroba de 15 kg).
Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Em relação às cotas no mercado chinês, destaca-se que a cota já aproxima-se do esgotamento, sujeitando os volumes excedentes à tarifa de 55%, o que já refletiu em desaceleração dos embarques em agosto. A elevada exposição à China, destino de aproximadamente metade das exportações nacionais, amplia os riscos de curto prazo para o setor. Paralelamente, no caso da União Europeia, foi confirmada a suspensão das importações de carne bovina brasileira a partir de 3 de setembro, motivada pela alegada ausência de garantias suficientes sobre o controle de antimicrobianos. Embora o bloco responda por uma parcela limitada dos embarques, sua relevância estratégica decorre do alto valor agregado dos cortes e do seu papel como balizador de padrões sanitários, de rastreabilidade e de sustentabilidade global.

No Oriente Médio, região que responde por cerca de 7% das exportações brasileiras, observou-se retração significativa de carne bovina. No acumulado de março e julho de 2026, período já sob os efeitos do conflito iniciado no fim de fevereiro, os embarques recuaram 6,6% em relação ao mesmo intervalo do ano anterior. Ainda assim, no mesmo período, o Brasil conseguiu ampliar suas exportações totais em 4,7%, redirecionando parte da produção para outros mercados, com destaque para Estados Unidos, Hong Kong, Indonésia, Arábia Saudita, Argentina e Canadá, que, juntos, elevaram as compras em 55,8 mil toneladas na comparação com o mesmo período de 2025, volume mais do que suficiente para compensar as cerca de 5,4 mil toneladas que deixaram de ser embarcadas ao Oriente Médio.

Vale destacar que, diante das atuais restrições de mercado, com destaque para o mercado na China e na União Europeia, ganhou urgência a diversificação para mercados como Japão, Coreia do Sul, Canadá e Sudeste Asiático. Além disso, a ampliação temporária da cota norte-americana de carne bovina magra com tarifa reduzida cria uma alternativa para os embarques brasileiros. Contudo, a substituição da demanda chinesa permanece limitada pelas diferenças regulatórias, pelos perfis de cortes e pela capacidade de absorção dos demais destinos.

Nesse contexto, as exportações brasileiras de carne bovina cresceram 9,1% em volume e 27,9% em valor no acumulado de janeiro a julho, frente ao mesmo período de 2025. Entre os principais destinos, destacaram-se Estados Unidos, com avanço de 17,0%, Chile, de 30,0%, e Rússia, de 23,4%. No mercado norte-americano, o crescimento foi impulsionado pela retirada da sobretarifa aplicada no final de 2025, pela competitividade da carne brasileira e pela maior necessidade de importações, diante do menor rebanho dos Estados Unidos em cerca de 75 anos.

Para o final de 2026, a projeção do USDA de redução de 2,4% nas exportações brasileiras sugere que, apesar do forte desempenho dos embarques nos primeiros sete meses de 2026, a menor disponibilidade de animais para abate e os efeitos da salvaguarda chinesa tendem a prevalecer e limitar o ritmo das exportações no fechamento do ano.

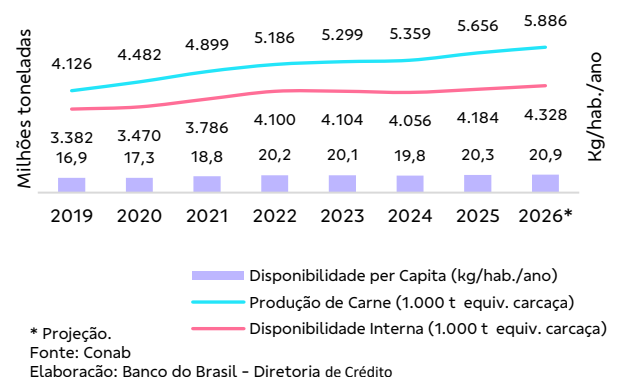
Suíños

Após alcançar o recorde de 5,6 milhões de toneladas em 2025, a produção brasileira de carne suína deverá manter trajetória de expansão em 2026, podendo atingir 5,8 milhões de toneladas, avanço de até 4%. O Brasil segue como o 4º maior produtor mundial de proteína suína (4% da produção global), atrás de China, União Europeia e EUA.

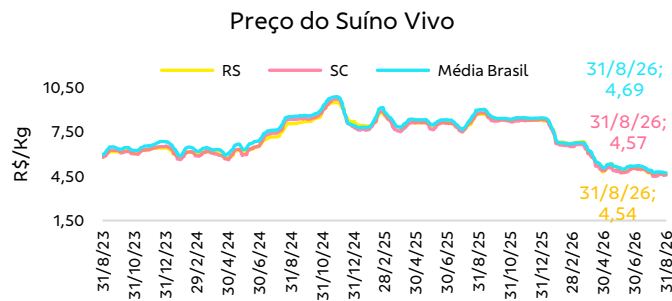
O crescimento segue apoiado pelo elevado ritmo de abates, pela disponibilidade de insumos para alimentação e pelos investimentos em produtividade. A maior oferta doméstica, contudo, tem desvalorizado preços, tornando o equilíbrio entre custos, consumo interno e expansão produtiva determinante para a manutenção das margens do setor.

No mercado interno, o consumo de carne suína segue favorecido pela melhora da renda real e pelos preços elevados da carne bovina, que estimulam a substituição por proteínas mais acessíveis. Contudo, o crescimento dos abates e a maior disponibilidade do produto tem ocorrido em dimensão superior à demanda. No mais, em termos de hábitos de consumo, a carne suína no Brasil ainda mostra números mais tímidos em relação a outros países e frente às outras proteínas.

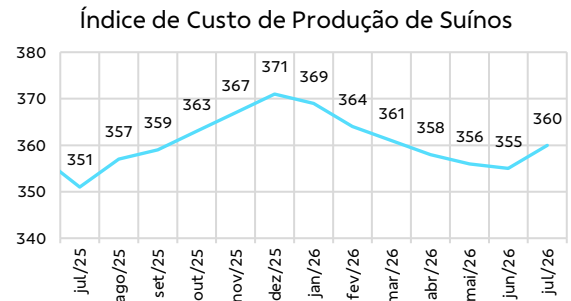
Oferta de Carne Suína e Disponibilidade



Preços e Custos – Nos primeiros oito meses de 2026, os preços da carne suína permaneceram pressionados pela oferta elevada e pela demanda interna insuficiente para absorver o aumento da produção. Em agosto, o movimento se intensificou, com a carcaça suína acumulando queda superior a 10% no atacado paulista e as cotações do animal vivo atingindo, em algumas praças, os menores níveis desde 2022, comprimindo as margens e inviabilizando os negócios em alguns casos. Prospectivamente, a oferta elevada deve manter os preços pressionados, apesar do possível aumento sazonal da demanda de final de ano e da competitividade frente à carne bovina.



Fonte: Cepea
Elaboração: Banco de Brasil - Diretoria de Crédito



Fonte: Embrapa
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

Em relação aos custos para o produtor, o índice de custos da Embrapa mostrou aumento de 2,6% no comparativo de julho de 2026 com igual mês do ano anterior. Vale ressaltar que a ração corresponde a 72% dos custos de produção do segmento criador, seguido do custo do capital (aproximadamente 7%), enquanto transportes, genética e sanidade totalizam aproximadamente 9,0%.

O cenário passou a indicar margens mais comprimidas, sobretudo para os produtores independentes, diante da sobreoferta e da queda acentuada das cotações do suíno vivo. Integradoras e frigoríficos com maior presença externa tendem a apresentar maior resiliência, embora o menor preço médio das exportações e a recente valorização do milho também pressionem os resultados. Permanecem, ainda, os riscos relacionados aos conflitos no Oriente Médio e à volatilidade cambial, com possíveis impactos sobre custos e fluxos comerciais.

Mercado Externo – Em 2025, as exportações brasileiras de carne suína mantiveram trajetória de expansão, apesar dos desafios geopolíticos e tarifários, reforçando a posição do Brasil como terceiro maior exportador mundial da proteína. Os embarques alcançaram 1,471 milhão de toneladas, enquanto a receita atingiu o recorde de US\$ 3,6 bilhões.

O mercado externo segue favorável à carne suína, mesmo diante da recuperação parcial do plantel chinês, sustentado pela competitividade brasileira em capacidade produtiva, status sanitário, custos e qualidade da proteína. A ampliação das exportações para mercados asiáticos e latino-americanos tem reduzido a concentração das vendas externas, ao mesmo tempo em que a demanda global por proteínas permanece aquecida. Soma-se a isso o reconhecimento de “novas zonas brasileiras como livres de febre aftosa” – Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, partes do Centro-Oeste e Norte – pela China, medida que, segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), poderá acrescentar mais de 40 mil toneladas anuais aos embarques brasileiros e fortalecer as perspectivas de crescimento do setor nos próximos anos.

A diversificação das exportações brasileiras de carne suína ganhou maior consistência em 2026, com a consolidação das Filipinas como principal destino e o avanço das vendas para Japão, Chile, Argentina, Peru e África do Sul. Esse movimento tem compensado parcialmente a menor demanda chinesa e contribuído para o crescimento dos embarques, que alcançaram 902,1 mil toneladas até julho, alta de 9,4% ante 2025. A ampliação da presença em mercados tradicionais e emergentes reduz a concentração comercial e fortalece a resiliência do setor diante de oscilações na demanda e nos preços internacionais.

No mais, a competitividade da suinocultura brasileira segue favorecida pelas limitações enfrentadas pela produção europeia. Além dos elevados custos, o bloco convive com exigências ambientais e de bem-estar animal mais rigorosas, recorrentes focos de febre suína africana e redução de rebanhos em alguns países. Em conjunto, esses fatores restringem a capacidade exportadora da União Europeia e ampliam as oportunidades para a proteína suína brasileira no mercado internacional.

Por outro lado, o ambiente internacional apresenta desafios, com destaque para a continuidade da guerra entre Rússia e Ucrânia, das tensões no Oriente Médio e das incertezas em importantes corredores logísticos globais. Esse cenário sustenta a elevada volatilidade dos mercados de energia, fretes e câmbio, comprometendo os custos e a previsibilidade do comércio internacional. Somam-se a esse quadro, o avanço de medidas protecionistas e o endurecimento das exigências regulatórias em diferentes mercados, a exemplo da suspensão europeia das importações de carne suína brasileira a partir de 3 de setembro, motivada pela alegada ausência de garantias suficientes sobre o controle de antimicrobianos. Esses fatores ampliam os riscos para o comércio global de proteínas e reforçam a necessidade de diversificação de destinos, eficiência logística e adaptação contínua às mudanças no cenário internacional.

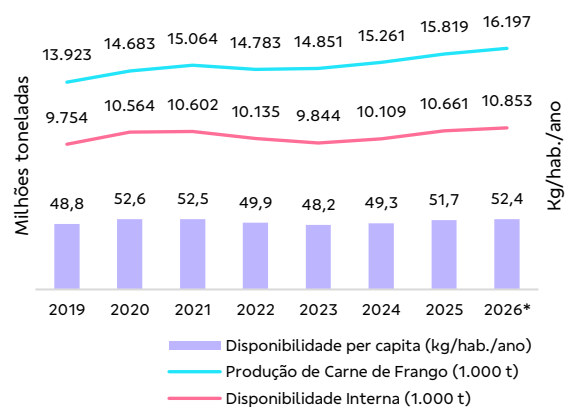
Em meio a todo o contexto apresentado, a Conab ainda projeta crescimento de 6,0% nas exportações brasileiras em 2026, indicando que a demanda aquecida, abertura e consolidação de mercados, além da atratividade da proteína brasileira, seguem prevalecendo e nova expansão é esperada mesmo após o forte avanço observado em 2025.

Frango

Segundo projeções da Conab, a produção de frangos deve continuar em expansão no ano de 2026, favorecida pela melhor relação custo-benefício da carne de frango em comparação a outras proteínas.

Por outro lado, o ritmo de crescimento pode ser moderado por ajustes de vendas em mercados relevantes, especialmente no Oriente Médio, destino de cerca de 25% das exportações brasileiras e que ainda tem apresentado fricções decorrentes de piores condições geopolíticas e, consequentemente, logísticas. Soma-se a esse cenário, a suspensão das compras pela União Europeia que reponde por 8,5% das exportações, além da necessidade de reequilíbrio da oferta após o forte alojamento registrado no final de 2025. Diante desse contexto, as empresas tendem a adotar uma postura mais cautelosa, priorizando a sustentação das margens e o alinhamento entre oferta e demanda.

Oferta de Carne e Disponibilidade



Fonte: Conab. * Projeção
Elaboração: Banco do Brasil - Diretoria de Crédito

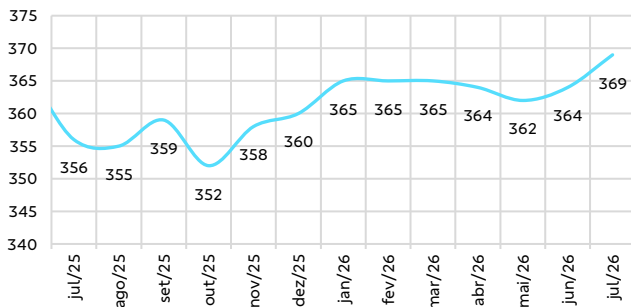
Custos e Preços – No primeiro semestre de 2026, os preços da carne de frango no mercado brasileiro apresentaram trajetória predominantemente baixista em relação aos elevados patamares observados no ano anterior. A maior oferta decorrente do forte alojamento realizado no final de 2025, combinada ao crescimento mais moderado da demanda doméstica, manteve pressão sobre as cotações durante boa parte do período. Contudo, com o avanço do segundo semestre, a desaceleração da expansão da oferta, o fortalecimento sazonal do consumo e o bom desempenho das exportações passaram a favorecer um mercado mais equilibrado, contribuindo para a estabilização dos preços.

No mais, o cenário para os preços segue condicionado a riscos logísticos e geopolíticos, especialmente no Oriente Médio. Entidades do setor também relatam custos elevados nos portos brasileiros, gargalos operacionais e maior volatilidade nas rotas internacionais. Soma-se a isso o avanço de exigências sanitárias e regulatórias em alguns mercados importadores, fatores que podem afetar os embarques, elevar custos e pressionar temporariamente a oferta doméstica.

Prospectivamente, espera-se recuperação gradual dos preços ao longo do segundo semestre, sustentada pela sazonalidade mais favorável ao consumo, pelos ajustes na oferta e pelo bom desempenho das exportações brasileiras. Contudo, a disponibilidade de produto ainda permanece relativamente elevada em parte da cadeia, enquanto as cotações do frango vivo seguem pressionadas em importantes praças produtoras, limitando movimentos mais intensos de valorização. Além disso, a volatilidade do comércio internacional, as incertezas geopolíticas, os custos logísticos e eventuais ajustes na demanda de mercados importadores podem gerar oscilações ao longo do período. Nesse contexto, a tendência predominante permanece de alta moderada dos preços, porém em ritmo gradual e sujeita a momentos de maior volatilidade.

Nesse cenário desafiador, a evolução dos custos de produção passou a exercer pressão adicional sobre a rentabilidade do setor. O índice de custo de produção de frangos acumulou alta de 3,7% nos 12 meses encerrados em julho, refletindo principalmente o avanço das despesas com sanidade, genética e energia, que, juntas, representam cerca de 22,7% do custo total e registraram elevações de 35,7%, 15,0% e 6,7%, respectivamente. Além disso, o aumento de 1,4% nos custos com ração, principal componente da estrutura de custos, com participação de aproximadamente 63,1%, contribuiu para o estreitamento das margens dos produtores e reduziu parte do benefício proporcionado pela acomodação dos preços dos grãos observada ao longo do período.

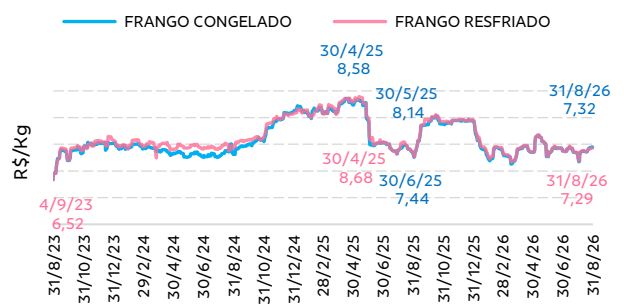
Índice de Custo de Produção de Frangos



Fonte: Embrapa

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Preço do Frango Cepea/Esalq – SP



Fonte: Cepea

Elaboração: Banco do Brasil – Diretoria de Crédito

Mercado Externo – Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio (MDIC), foram exportadas 5,161 mil de toneladas de carne de frango no ano de 2025, aumento marginal de 0,1% em relação ao mesmo período de 2024, com a receita acumulada do período atingindo US\$ 9,555 milhões, retração de 1,9% ante ao acumulado de 2024 (US\$ 9,742 milhões).

Embora as exportações de carne de frango tenham sido impactadas em 2025 por restrições temporárias decorrentes do episódio de influenza aviária no Rio Grande do Sul, o setor demonstrou resiliência ao ampliar a participação de mercados alternativos e mitigar parte das perdas em destinos estratégicos. A experiência evidenciou a relevância da diversificação geográfica das vendas externas, da agilidade na atuação diplomática e do reconhecimento internacional dos mecanismos de regionalização sanitária, fatores que tendem a fortalecer a competitividade brasileira e reduzir riscos para o desempenho exportador nos próximos anos.

Para 2026, no consolidado dos primeiro sete meses, as exportações brasileiras de carne de frango apresentaram forte desempenho positivo, mantendo volumes elevados e crescimento tanto em quantidade, que somaram 3,363 milhões de toneladas (alta de 15,9%), quanto em receita, que avançou 20,2%, refletindo melhora no mix e nos preços médios, em que pese a manutenção do confito no Oriente Médio, região relevante para as exportações brasileiras, que responderam por cerca de 25% das remessas em termos de volume em 2026, até julho.

Em relação ao conflito no Oriente Médio, no acumulado de março e julho de 2026, período sob os efeitos do conflito no Oriente Médio iniciado no fim de fevereiro, os embarques recuaram 7,0% nas remessas à região. Ainda assim, no mesmo período, o Brasil conseguiu ampliar suas exportações totais em 20,7%. Destacam-se os aumentos expressivos para China (+106,1%), Países Baixos (+96,6%), Chile (86,3%), Coreia do Sul (+76,0%) África do Sul (+473,8%), Gana (+55,0%), Filipinas (30,9%) México (23,5%) Japão (+15,0%), e Arábia Saudita (+9,4%) que, juntos, elevaram as compras em 425,0 mil toneladas na comparação anual, volume mais do que suficiente para compensar as cerca de 44,0 mil toneladas que deixaram de ser embarcadas ao Oriente Médio.

Apesar do desempenho favorável e da capacidade revelada de redirecionar embarques, o setor avícola permanece exposto às tensões no Oriente Médio e ao endurecimento das exigências sanitárias, como indica a suspensão europeia das importações brasileiras a partir de 3 de setembro. Assim, a continuidade do crescimento dependerá da preservação do status sanitário, da adequação aos protocolos internacionais e da diversificação dos mercados.

Destaques – Insumos Agrícolas

A cadeia de insumos agrícolas exerce papel fundamental para o nível de produtividade e competitividade do agronegócio brasileiro. Entretanto, desafios recentes na cadeia produtiva tem influenciado empresas dos setores associados, com destaque para o elevado custo do crédito, efeitos das condições financeiras mais restritas dos produtores rurais, eventos geopolíticos adversos em curso e política comercial protecionista.

No mercado de **fertilizantes**, apesar da demanda firme no campo, a dependência das importações em um ambiente de oferta global mais restrita e de custos de produção encarecidos têm provocado forte valorização e volatilidade de preços de fertilizantes ao longo do ano, além de maiores custos logísticos, ainda que nos últimos meses tenha sido observado algum alívio em importantes fórmulas. Os fertilizantes tipo MAP, ureia, cloreto de potássio e sulfato de amônio registraram descompressão recente, ainda que mantendo-se em patamar elevado, enquanto os fosfatados permaneceram pressionados pela menor disponibilidade de enxofre.

Nesse ambiente, a gestão operacional e financeira das distribuidoras de fertilizantes, especialmente das revendas, tornou-se mais complexa. A postergação das compras pelos produtores, a irregularidade dos estoques e a volatilidade das cotações – que ampliam riscos de perdas com produtos adquiridos a preços mais altos – são fatores de atenção. Paralelamente, o crédito mais seletivo, as margens dos produtores rurais persistindo em nível mais estreito e o maior risco de inadimplência dos clientes exigem rigor na formação de estoques, na concessão de prazos e na gestão do capital de giro.

Já no mercado brasileiro de **defensivos agrícolas**, as projeções para 2026 seguem indicando crescimento moderado, embora o recrudescimento das hostilidades no Oriente Médio amplie os riscos de encarecimento das matérias-primas petroquímicas, essenciais à produção de princípios ativos e intermediários químicos.

Soma-se a isso, a eliminação pela China dos reembolsos tributários sobre diversos pesticidas técnicos e intermediários químicos, medida que elevou os custos de exportação e introduziu viés de alta para algumas moléculas. Os efeitos, contudo, permanecem heterogêneos, uma vez que os produtos formulados não foram diretamente alcançados e a ampla oferta ainda limita os preços de determinadas categorias. Diante da elevada participação chinesa nas importações brasileiras, superior a 80% em moléculas relevantes, como glifosato e glufosinato, e integral em alguns ingredientes ativos, o cenário exige maior planejamento das compras, gestão de estoques e monitoramento das margens e do capital de giro.

No mercado de **máquinas e implementos agrícolas**, o desempenho de 2026 mostrou-se mais desfavorável que o inicialmente previsto. Entre janeiro e julho, a receita líquida do setor recuou 25,8% ante igual período de 2025, levando a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq) a projetar queda próxima de 20% no ano, apesar da expectativa de recuperação parcial das vendas entre agosto e outubro. O resultado reflete as condições financeiras mais desafiadas no campo, os juros elevados e a maior seletividade do crédito, que limitam a capacidade de investimento dos produtores. Embora linhas de crédito como Move Brasil, Moderfrota e Pronaf ofereçam condições relativamente mais atrativas, o endividamento e as margens comprimidas mantêm a cautela na renovação da frota pelos produtores rurais, postergando investimentos e alongando os ciclos de substituição.

Atenção também à crescente concorrência de máquinas agrícolas asiáticas, após as importações atingirem nível recorde em 2025, com destaque para China e Índia. Embora as compras externas do segmento tenham recuado 5% em valor entre janeiro e julho de 2026, para US\$ 720,6 milhões, segundo a Abimaq, a elevada presença de equipamentos importados continua pressionando a indústria nacional. Em contrapartida, as exportações brasileiras avançaram 14,8% no período, para US\$ 1,02 bilhão, compensando parcialmente a retração doméstica. Ainda assim, a queda de 25,8% nas vendas e a elevação dos custos industriais mantêm os riscos sobre margens, produção e emprego, apesar da expectativa de alguma recuperação entre agosto e outubro.

Em relação à política comercial dos Estados Unidos, permanecem vigentes as tarifas adicionais de 25% e 12,5% aplicadas desde julho de 2026, elevando a sobretaxa combinada a 37,5% para produtos brasileiros não contemplados pelas listas de exceção. Máquinas, equipamentos, partes e componentes figuram entre os segmentos potencialmente mais expostos. A medida amplia os custos de entrada, reduz a competitividade dos fabricantes nacionais e pode limitar a continuidade da recuperação das exportações, que avançaram no acumulado de 2026. Como os Estados Unidos absorvem cerca de 9% das exportações de máquinas e implementos agrícolas, o cenário exige diversificação de mercados e monitoramento das negociações comerciais e de eventuais novas exceções.



BB ASSET MANAGEMENT

**Busque mais para
os seus investimentos**

www.bbasset.com.br

[Linkedin.com/showcase/bbasset](https://www.linkedin.com/showcase/bbasset)